

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO ORGANIZACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO EMPRESARIAL

DANIEL SOBREIRA

**SERVIÇOS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO E SERVIÇOS
TRADICIONAIS: UM PANORAMA INTERSETORIAL DE MICRO E
PEQUENAS EMPRESAS**

UBERLÂNDIA
2018

DANIEL SOBREIRA

SERVIÇOS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO E SERVIÇOS
TRADICIONAIS: UM PANORAMA INTERSETORIAL DE MICRO E
PEQUENAS EMPRESAS

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Administração
da Faculdade de Gestão e Negócios – FAGEN
da Universidade Federal de Uberlândia – UFU,
como requisito para obtenção do título de Mestre
em Administração.

Linha de pesquisa: Gestão Empresarial
Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Padrão

UBERLÂNDIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- S677s
2018
- Sobreira, Daniel, 1984-
Serviços intensivos em conhecimento e serviços tradicionais : um
panorama intersetorial de micro e pequenas empresas / Daniel Sobreira. -
2018.
113 f. : il.
- Orientador: Luís Carlos Padrão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Gestão Organizacional.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.559>
Inclui bibliografia.
1. Administração - Teses. 2. Pequenas e médias empresas -
Administração - Teses. 3. Administração de empresas - Aspectos
econômicos - Teses. 4. Empresas - Gestão do conhecimento - Teses. I.
Padrão, Luís Carlos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Gestão Organizacional. III. Título.

CDU: 658

Glória Aparecida – CRB-6/2047

SERVIÇOS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO E SERVIÇOS TRADICIONAIS: UM PANORAMA INTERSETORIAL DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Administração
da Faculdade de Gestão e Negócios – FAGEN
da Universidade Federal de Uberlândia – UFU,
como requisito para obtenção do título de Mestre
em Administração.

Uberlândia, 29 de junho de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luís Carlos Padrão, UFU/MG

Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues, UFU/MG

Prof^a. Dra. Janaína Maria Bueno, UFU/MG

Prof. Dr. Tales Andreassi, FGV/SP

Dedico aos meus pais e à minha esposa,
que nunca deixaram de acreditar,
acompanhar e apoiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial minha esposa, Ana Raquel, e meus pais, Fátima e Djair. Por não me deixarem desanimar. Por me auxiliarem com palavras de apoio e por colocarem as mãos na massa, ou melhor, nas planilhas. Por compreenderem dias, tardes, noites e, principalmente, madrugadas de trabalho. Enfim, por serem o suporte que eu precisava para cumprir mais esta importante etapa da minha vida acadêmica e profissional.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Carlos Padrão, pela confiança em ouvir minhas propostas. Pelas sugestões assertivas que deram forma a este estudo. Pela presença constante em todas as fases do desenvolvimento dessa pesquisa. Por ter não apenas me orientado ao longo de todo o processo, mas também por ter se tornado um grande exemplo de seriedade enquanto docente e de comprometimento com a qualidade dos trabalhos acadêmicos.

Ao Prof. Dr. Carlos Roberto Domingues e à Prof. Dra. Janaína Maria Bueno, representando todos os demais docentes da FAGEN. Pela disponibilidade em doar conhecimento, apontar melhorias e por todos os ensinamentos importantes não apenas para a obtenção do título, mas também para a vida. Pelo comprometimento não apenas com a qualidade do programa, mas também pela qualidade dos indivíduos que são formados por ele.

Aos colegas e amigos que fiz ao longo dessa jornada e àqueles que sempre me acompanharam e torceram por mim, de perto ou de longe. Por me mostrarem que não estamos sozinhos e que nossos problemas, por maiores e mais insolucionáveis que possam parecer, não devem ser supervalorizados.

Por fim, agradeço à Deus. Pelo dom da vida. Por me mostrar, a cada dia, que por menores que sejamos nessa imensidão tão pouco conhecida, semear através da perseverança e da fé na nossa própria capacidade irá sempre resultar em boa colheita e ótimos frutos.

RESUMO

As Micro e Pequenas Empresas (MPEs) são reconhecidas por possuírem grande importância social e econômica no Brasil. E os Serviços Intensivos em Conhecimento (SICs), conhecidos na literatura internacional como *Knowledge Intensive Business Services* (KIBS), são reconhecidos pela geração de inovação para outras empresas, elemento este que pode ser decisivo para a ampliação da longevidade das organizações. Os SICs são compostos por empresas de diversos setores de serviços cujas atividades são fontes primárias de informação e conhecimento. O presente estudo traça um panorama geral das MPEs de SICs, tendo como principal objetivo a comparação das taxas de longevidade entre empresas de serviços tradicionais e serviços intensivos. Para isso foram realizadas análises quantitativas de dados secundários, coletados na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais (JUCEMG) e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para a realização dos testes e análises de resultados foram estabelecidas duas hipóteses. A *Hipótese 1*, que afirma que as empresas de SICs tem porcentagem maior de pessoas empregadas com nível de educação superior em relação a empresas de Setores Tradicionais de Serviços (STSs), não foi rejeitada pela pesquisa. A *Hipótese 2*, que afirma que as empresas de SICs têm uma longevidade maior do que empresas de STSs, foi rejeitada pela pesquisa. Este trabalho propõe, enquanto aplicação prática de seu conteúdo, a utilização do Quadro 3, elaborado pelo autor, que trata da associação entre setores SICs e o CNAE 2.0. Esta associação, inexistente antes do presente estudo, pode ser aplicada em outras pesquisas que analisem os SICs no Brasil, de forma a manter a precisão entre as definições de SICs e CNAE.

Palavras-chave: Serviços Intensivos em Conhecimento. Micro e Pequenas Empresas. Longevidade.

ABSTRACT

Micro and Small Enterprises (SME) are recognized for having great social and economic importance in Brazil. And Knowledge Intensive Services (KIBS) are recognized for the generation of innovation for other companies, an element that can be decisive for extending the longevity of organizations. KIBS are composed of companies from different service industry whose activities are primary sources of information and knowledge. The present study outlines an overview of MSE in KIBS, whose main objective is to compare the longevity rates between traditional service companies and knowledge intensive services. For this, quantitative analysis of secondary data were carried out, the data were collected at the Junta Comercial do Estado de Minas Gerais (JUCEMG) and at the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Two hypotheses were established for the performance of the tests and analysis of results. Hypothesis 1, which states that KIBS firms have a higher percentage of people employed with a higher education level in relation to traditional sectors of services firms, was not rejected by the research. Hypothesis 2, which states that KIBS firms have a longer longevity than traditional firms, was rejected by the survey. This paper proposes, as a practical application of its content, the use of Table 3, prepared by the author, which deals with the association between KIBS and CNAE 2.0. This association, which did not exist before the present study, can be applied in other studies that analyze the KIBS in Brazil, in order to maintain the accuracy between the definitions of KIBS and CNAE.

Keywords: Knowledge Intensive Business Services. Micro and Small Enterprises. Longevity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Setores de SICs selecionados	41
Figura 2 - Setores Tradicionais selecionados	43
Figura 3 - Resultados Descritivos e Analíticos	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação dos setores prestados principalmente às famílias	21
Quadro 2 - Artigos nacionais relacionados aos SICs	22
Quadro 3 - Levantamento da classificação dos setores considerados KIBS	29
Quadro 4 - Classificação do procedimento metodológico do presente estudo	36
Quadro 5 - Resultados do teste Qui-quadrado	54
Quadro 6 - Resultados do teste Kolmogorov	56
Quadro 7 - Resultados do teste de Levene para igualdade das variâncias	57
Quadro 8 - Resultados dos testes <i>t de student</i> para comparação de médias	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento de MPE de SICs em Minas Gerais e no Brasil.....	40
Tabela 2 – Crescimento de MPE de STSs em Minas Gerais e no Brasil.....	42
Tabela 3 - Crescimento de MPEs e MedGran de SIC no Brasil.....	48
Tabela 4 - Distribuição de SICs por porte de empresa no Brasil	49
Tabela 5 - Análise das MPE de SIC por Região Geográfica.....	49
Tabela 6 - Análise das MPE de SIC x STS por Região Geográfica	50
Tabela 7 - Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Publicidade – 73.1	51
Tabela 8 - Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Arquitetura – 71.1	51
Tabela 9 - Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Contabilidade – 69.9	51
Tabela 10 - Estados com alto número de empresas e alto crescimento.....	52
Tabela 11 - Pessoas empregadas com nível superior – Brasil (SIC).....	53
Tabela 12 - Pessoas empregadas com nível superior – Brasil (STS).....	53
Tabela 13 - Número de empresas obtidas, retiradas e analisadas	55
Tabela 14 - Índices de assimetria e curtose	57
Tabela 15 - Média e desvio padrão da longevidade das empresas	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEX – Agência de Promoção de Exportações do Brasil

ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

CVO – Ciclo de Vida Organizacional

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JUCEMG –Junta Comercial do Estado de Minas Gerais

KIBS– *Knowledge Intensive Business Services*

MEI –Microempreendedores Individuais

MPE – Micro e Pequenas Empresas

NACE – *European Classification of Economic Activities*

OCDE –Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

PAS – Pesquisa Anual de Serviços

PIB – Produto Interno Bruto

RAE – Revista de Administração de Empresas

RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SIC – Serviços Intensivos em Conhecimento

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

STS – Setores Tradicionais de Serviços

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Justificativas da pesquisa	14
1.2	Objetivo geral	15
1.3	Objetivos específicos	16
1.4	Estrutura do trabalho	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO-EMPÍRICO	17
2.1	Micro e Pequenas Empresas (MPEs)	17
2.1.1	<i>Características das MPEs</i>	17
2.1.2	<i>Cenário das MPEs no Brasil</i>	18
2.2	Setores tradicionais de serviços (STSs)	19
2.3	Serviços intensivos em conhecimento (SICs)	22
2.3.1	<i>Inovação</i>	23
2.3.2	<i>Classificação das empresas de acordo com suas inovações</i>	24
2.3.3	<i>Características e funções dos SICs</i>	25
2.3.4	<i>Cenário nacional e internacional de SICs</i>	26
2.3.5	<i>Classificação dos SICs</i>	27
2.4	Métricas de desempenho	32
2.4.1	<i>Dificuldades na definição das métricas de desempenho</i>	32
2.4.2	<i>Taxa de mortalidade e Ciclo de Vida Organizacional (CVO)</i>	33
2.4.3	<i>Longevidade como métrica de desempenho das MPEs</i>	34
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
3.1	Caracterização da pesquisa	36
3.2	Método de levantamento dos dados secundários	38
3.3	Escolha dos setores para a pesquisa	39
3.3.1	<i>Escolha dos setores de SICs</i>	39
3.3.2	<i>Escolha dos STSs</i>	41
3.4	Escolha do local para a pesquisa	43
3.5	Mensuração das variáveis-chave	44
3.6	Método de análise	44
3.7	Limitações da pesquisa	45
4	RESULTADOS ENCONTRADOS	47
4.1	Resultados Descritivos	48
4.1.1	<i>Comparação entre SICs de acordo com crescimento e porte</i>	48
4.1.2	<i>Comparação entre SICs e STSs no Brasil e estados</i>	49
4.1.3	<i>Comparação entre taxa de crescimento e número de empresas dos setores SICs nos estados</i>	51
4.1.4	<i>Número de pessoas empregadas com e sem nível superior nos SIC e STS</i>	53
4.2	Resultados Analíticos	53
4.2.1	<i>Distribuição das pessoas empregadas com nível superior</i>	53
4.2.2	<i>Premissas da Análise Multivariada</i>	54
4.2.3	<i>Comparação entre as médias de longevidade das empresas</i>	58
5	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	63
	APÊNDICES	72
	ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

O crescimento e a importância social e econômica das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) no Brasil são fatores amplamente explorados por diversas pesquisas. Um destes estudos, realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) juntamente com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), afirma que, em 2013, as MPEs responderam, em média, por 99% do total de estabelecimentos, 52% dos empregos formais de estabelecimentos privados não agrícolas do país e de quase 42% da massa de salários paga aos trabalhadores destes estabelecimentos (SEBRAE, 2015).

Além da reconhecida relevância das MPEs na economia brasileira, o setor de serviços também tem um importante papel no Brasil e no mundo. De acordo com a Pesquisa Anual de Serviços (PAS), produzida e disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi estimada a existência de 1.332.260 empresas cuja atividade principal pertencia ao âmbito dos serviços não financeiros. Essas empresas totalizaram R\$ 1,4 trilhão de receita operacional líquida, ocuparam 13,0 milhões de pessoas e pagaram R\$ 289,7 bilhões em salários, retiradas e outras remunerações (IBGE, 2014).

No setor econômico de serviços existe um tipo especial de empresas classificadas como de Serviços Intensivos em Conhecimento (SICs). Na literatura internacional, os SICs são denominados *Knowledge Intensive Business Services* (KIBS). Eles englobam empresas cujas atividades são fontes primárias de informação e conhecimento. Estas atividades são dependentes de um conhecimento profissional especializado, como serviços de engenharia, consultorias, serviços de computação, publicidade etc. (MILES *et al.*, 1995).

Com este trabalho objetivou-se analisar o desempenho dos SICs na economia brasileira, particularmente aquelas enquadradas como MPEs. Em relação à métrica de desempenho, especificamente foi analisada a longevidade das MPEs que são classificadas como SICs. O interesse por este tema é devido ao impacto econômico deste tipo de empresa e à escassez de estudos acadêmicos sobre o tema, fatores que serão detalhados a seguir.

1.1 Justificativas da pesquisa

A análise da longevidade das MPEs do setor de Serviços Intensivos em Conhecimento (SICs) é relevante do ponto de vista econômico, pois as MPEs representavam cerca de 44% dos empregos formais em serviços e aproximadamente 70% dos empregos gerados no comércio entre 2009 e 2011. Já no setor industrial, as MPEs representaram cerca de 42% do total de pessoal ocupado. Além disso, neste mesmo período, as MPEs representaram, nas atividades de serviços, comércio e indústria, respectivamente, cerca de 98%, 99% e 95% do total de empresas formalizadas (SEBRAE, 2014).

As transformações ocorridas no capitalismo mundial, conforme apontado por Freire (2006), influenciaram, principalmente, o grande crescimento das atividades de serviços. Apesar da sua importância na economia, o setor de serviços apresenta um índice de mortalidade superior ao índice dos demais setores. De acordo com o Sebrae (2013), que realizou um estudo sobre a taxa de sobrevivência das empresas com até dois anos de atividade no Brasil, o setor de serviços apresentava uma taxa de mortalidade de cerca de 28%, enquanto os setores de comércio e indústria apresentaram, respectivamente, cerca de 22% e 20%. Em função de tal informação, pode emergir o questionamento a respeito do desempenho das empresas classificadas como SICs, a saber: Os Serviços Intensivos em Conhecimento (SICs) possuem taxa de longevidade superior ou inferior à taxa de empresas de serviços considerados tradicionais?

Do ponto de vista acadêmico, o estudo dos SICs é relevante, pois ainda existe a necessidade de se avaliar seu real impacto na economia, de acordo com Freire (2006):

Apesar de haver níveis diferentes de atividades de serviços intensivos em conhecimento em diferentes países, o impacto destes serviços sobre a performance econômica tem sido altamente significativo em alguns locais. Estudos mostram que há relevantes ligações entre produtividade e valor adicionado e SIC. (FREIRE, 2006, p. 111)

Corroborando com Freire (2006), Bernardes e Andreassi (2007) informam que os serviços representam mais de 70% da riqueza e do emprego na maioria dos países com alto índice de desenvolvimento econômico. Em relação à dinâmica do setor de serviços, os autores argumentam que, independente da perspectiva de análise escolhida, esta “ainda está longe de ser bem conhecida teoricamente e de ser operacionalmente bem dominada” (BERNARDES e ANDREASSI, 2007, p. 3).

No Brasil, o número de estudos relacionados aos SICs ainda é pequeno. Em uma revisão bibliográfica realizada em 2017 em duas bases de dados, Spell e Scielo, identificou-se nove artigos nacionais relacionados ao tema. Também foi realizada uma pesquisa nos principais periódicos e congressos na área da Administração. Esta revisão resultou em apenas quatro outros artigos sobre este tema, chegando a um total de treze artigos nacionais relevantes sobre os SICs, como será apresentado posteriormente no Quadro 2, item 2.3.

Em se tratando de MPEs, um segmento empresarial comprovadamente importante para a economia brasileira, são ainda mais raros os estudos que se aprofundam na análise dos SICs neste porte de empresas, oferecendo uma visão ampla e profunda sobre o setor de serviços deste segmento, ou ainda, que forneçam dados comparativos entre as MPEs e outros portes de empresas.

Bernardes e Andreassi (2007) afirmam que, economicamente, os SICs representam uma expressiva participação na produção de valor adicionado, porém não demonstram a mesma capacidade para a geração de empregos, ou seja, geram mais valor empregando menos recursos humanos, recursos estes com níveis de qualificação superiores aos de outros segmentos de serviços. Este cenário pode também ajudar a compreender a escolha deste objeto de estudo, pois o mesmo se apresenta como uma oportunidade de se analisar uma possível predominância dos SICs entre micro e pequenas empresas, além de possibilitar uma avaliação sobre os níveis de qualificação das pessoas empregadas em MPEs brasileiras nos setores de serviço.

Portanto, este trabalho visou contribuir do ponto de vista teórico e do ponto de vista econômico, através de um estudo detalhado sobre alguns setores de serviço tradicionais e intensivos em conhecimento e uma posterior análise comparativa sobre a longevidade de alguns destes setores estudados.

1.2 Objetivo geral

O objetivo geral do trabalho é elaborar um panorama das MPE de alguns setores de Serviços Intensivos em Conhecimento no Brasil, mais precisamente na cidade de Uberlândia, comparando sua longevidade com Setores Tradicionais de Serviço.

1.3 Objetivos específicos

Enquanto desdobramentos do objetivo geral, são apresentados também os seguintes objetivos específicos:

- Objetivo 1: Elaborar um panorama descritivo dos SICs nos estados do Brasil e nas micro, pequenas, médias e grandes empresas brasileiras;
- Objetivo 2: Comparar o número de pessoas ocupadas com nível superior nos SICs e nos STSs;
- Objetivo 3: Comparar a longevidade de diferentes setores considerados SICs.

1.4 Estrutura do trabalho

Este estudo está estruturado da seguinte forma: o capítulo 1 apresenta o tema, sua importância, as justificativas da pesquisa e seus objetivos gerais e específicos; o capítulo 2 apresenta o referencial teórico, incluindo os principais conceitos e definições de Micro e Pequenas Empresas, Setores Tradicionais de Serviços, Serviços Intensivos em Conhecimento, tópico no qual são apresentadas as principais classificações características e funções dos SICs, e, por fim, uma análise sobre as métricas de desempenho das empresas, abordando as dificuldades na definição destas métricas, análise dos construtos Taxa de Mortalidade e Ciclo de Vida Organizacional e a justificativa da Longevidade como métrica de desempenho das MPE; o capítulo 3 aborda e descreve os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, através da análise de tópicos como caracterização da pesquisa, escolha dos setores, método de levantamento de dados secundários, método de análise e limitações da pesquisa; o capítulo 4 apresenta os resultados encontrados; por fim, o capítulo 5 apresenta as considerações finais do trabalho, incluindo sugestões e recomendações para estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-EMPÍRICO

A seguir serão apresentados alguns estudos e definições acerca dos principais elementos e construtos relacionados ao tema do trabalho, sendo eles: Micro e Pequenas Empresas (MPE), Setores Tradicionais de Serviços (STS), Serviços Intensivos em Conhecimento (SIC) e, por fim, uma análise sobre a taxa de longevidade como métrica de desempenho das empresas.

2.1 Micro e Pequenas Empresas (MPEs)

As MPEs são um importante pilar de sustentação da economia brasileira. Segundo o Sebrae (2014), esse segmento empresarial representa 25% do Produto Interno Bruto (PIB) e constitui 99% dos 6 milhões de estabelecimentos formais existentes, respondendo ainda por 99,8% das empresas que são criadas todo ano. Mesmo com toda essa comprovada relevância econômica e social, as MPEs não recebem apoio suficiente com propósito de estimular o desenvolvimento do setor. De acordo com Koteski (2004), o acesso ao crédito e os programas governamentais ainda não condizem com a importância das MPE na economia nacional.

A inserção das MPEs no contexto do desenvolvimento nacional exige uma busca por vantagens competitivas específicas que auxiliem em seu crescimento e desempenho. As características heterogêneas das MPEs revelam a importância de se desenvolver políticas públicas que possam estimular a inovação e o emprego, de forma a promover o crescimento sustentável das MPEs com inclusão social (SANTOS; KREIN; CALIXTRE, 2012).

2.1.1 Características das MPEs

Segundo Mintzberg (1995), as micro e pequenas empresas, de maneira geral, possuem uma estrutura denominada Simples, podendo ser caracterizadas pela baixa padronização, controle mais rígido feito pelo proprietário e maior flexibilidade e informalidade nas decisões e estratégias.

Quanto à adoção de estratégias competitivas, Gimenez *et al.* (1999) afirma que o tamanho das empresas não interfere diretamente na escolha do modo como vão competir em determinado mercado, podendo, assim, seus dirigentes definirem por assumir estratégias defensivas, prospectoras, analíticas ou reativas (MILES *et al.*,

1978), sendo suas empresas de pequeno, médio ou grande porte. De acordo com Gimenez (2000), as escolhas estratégicas dentro de uma pequena empresa podem ser influenciadas por características pessoais dos seus dirigentes.

Com relação à categorização das empresas pelo seu porte, no Brasil existem múltiplas definições de micro e pequenas empresas, entre as quais pode-se destacar duas. Segundo a definição da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas (BRASIL, 2006), as microempresas possuem um faturamento anual de, no máximo, R\$ 240 mil por ano. As pequenas empresas podem faturar entre R\$ 240.000,01 e R\$ 2,4 milhões por ano. Outra definição é adotada pelo Sebrae (2014), na qual as microempresas empregam até 9 pessoas, no caso de comércio e serviços, ou até 19 pessoas, no caso dos setores industrial ou de construção. Já as pequenas são definidas como as que empregam de 10 a 49 pessoas, no caso de comércio e serviços, e de 20 a 99 pessoas, no caso de indústria e empresas de construção.

A definição de MPE escolhida para o desenvolvimento deste estudo será a do Sebrae, em função da disponibilidade de dados e maior facilidade para obtenção e análise dos mesmos. Isto porque os dados referentes ao número de pessoas empregadas estão disponíveis para consulta no *website* do IBGE, enquanto o acesso a dados financeiros de empresas de pequeno porte em larga escala não seria possível ou viável. Além disso, o Sebrae é uma instituição com reconhecida contribuição para a classe de micro e pequenos empresários brasileiros, fornecendo dados, análises de informações e gerando conhecimento para a classe.

2.1.2 Cenário das MPEs no Brasil

Em dezembro de 2006 foi criada a Lei Complementar 123/2006, conhecida como Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (BRASIL, 2006). Com o objetivo de fomentar o crescimento e competitividade das MPEs, foi aprovado um regime simplificado de tributação, denominado Simples Nacional, reunindo impostos federais, estaduais e municipais. Outras características da Lei foram a busca pela desburocratização do processo de abertura de empresas e a ampliação das possibilidades de participação das MPEs em processos de compras públicas de órgãos municipais.

Além disso, em 2009 foram implantados os Microempreendedores Individuais (MEI), fato que possibilitou que diversos trabalhadores autônomos informais

legalizassem seus negócios. Este cenário contribuiu com um aumento no número de MPEs no país e uma consequente melhora na competitividade das mesmas, gerando, ainda, impactos positivos na economia brasileira em termos de ofertas de empregos e arrecadação de impostos (SEBRAE, 2013).

Apesar de todos os incentivos e números positivos, problemas relacionados ao cenário das MPEs no Brasil podem ser observados. Alguns fatores internos das micro e pequenas empresas, como a participação de membros da família e a falta de profissionalização na gestão, podem comprometer os resultados e a própria sobrevivência das empresas. Outro ponto seriam os fatores externos, como o aumento da concorrência e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos empresários, que também podem ser reconhecidos como barreiras inibidoras do crescimento das MPEs (FERNANDES PEREIRA *et al.*, 2009).

Outro problema que pode ser observado no cenário brasileiro é que, diretamente proporcional ao aumento de empresas ativas, há também um crescimento das chamadas empresas de fachada, que são aquelas que, apesar de constituídas legalmente, não exercem suas atividades, além, ainda, de um considerável número de empresas inativas que não deram baixa junto aos órgãos competentes. Além disso, outro ponto a ser ponderado é que as atividades nas quais algumas empresas são registradas podem não refletir suas atividades principais, mas sim uma forma de se reduzir a carga tributária através de um enquadramento menos oneroso.

Por fim, outro ponto que pode vir a interferir diretamente nos números e análises de pesquisas atuais relacionadas às MPEs seria a nova lei trabalhista (BRASIL, 2017), cuja aprovação, realizada em novembro de 2017, ainda segue em discussão na sociedade e nas esferas governamentais. As mudanças decorrentes da Reforma Trabalhista trouxeram às empresas e empregados brasileiros algumas possibilidades antes não previstas em lei, como a terceirização para atividades fim. Com isso, é possível que haja um aumento no número de pessoas jurídicas prestando serviços a outras empresas, em substituição a empregados contratados.

2.2 Setores tradicionais de serviços (STSs)

De acordo com Fitzsimmons e Fitzsimmons (2014), nenhuma economia funciona sem a infraestrutura que os serviços proporcionam na área de transportes, comunicações e serviços estatais, como educação e saúde. E, à medida que a

economia do país se desenvolve, o setor adquire uma importância ainda maior. Ainda segundo os autores, a adoção de boas estratégias competitivas é fundamental, pois as empresas deste setor competem em um ambiente com barreiras de entrada relativamente baixas.

Há diversas definições de serviço, mas a intangibilidade e o consumo simultâneo são características comuns entre elas. Segundo o IBGE, o setor de serviços é caracterizado por atividades bastante heterogêneas quanto ao porte das empresas, à remuneração média e à intensidade no uso de tecnologias (IBGE, 2016). De acordo com a Pesquisa Anual de Serviços – PAS, realizada pelo IBGE, foram estimadas 1.332.260 empresas cuja atividade principal pertencia ao âmbito dos serviços não financeiros, que totalizaram R\$ 1,4 trilhão em receita operacional líquida, ocuparam 13 milhões de pessoas e pagaram R\$ 289,7 bilhões de reais em salários, retiradas e outras remunerações (IBGE, 2014).

Graziadio (1998) define como setores tradicionais aqueles que utilizam de tecnologias clássicas, maduras ou estabilizadas, possuem mudanças menos frequentes e significativas, investem relativamente pouco em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), possuem uma postura reativa e o objetivo de manter uma linha de produtos estável, citando como exemplos os setores de cimento, têxtil e alimentício. Os serviços tradicionais podem, ainda, ser reconhecidos como o inverso de serviços inovadores (KLEINKNECHT; VAN MONTFORT; BROUWER, 2002). Estes mesmos autores concluem em seu estudo que o baixo investimento em P&D e patentes podem carregar diversos pontos fracos como os mais frequentes indicadores de inovação nas empresas.

Miles *et al.* (1995) substituem o termo Serviços Tradicionais por Serviços Não-KIBS, citando como exemplos os seguintes setores: Serviços médicos de saúde; Postagem, Transporte e Distribuição, Serviços financeiros ao consumidor e de imóveis; Serviços de educação (com exceção de formação especializada para a indústria); Difusão e outros meios de comunicação (com possíveis exceções); Administração pública (com possíveis exceções); Reparo / manutenção (com possíveis exceções); Varejo e atacado; Serviços de assistência social; Hotelaria; Lazer / turismo; Serviços de consumo pessoal; Entretenimento.

Quanto à classificação dos STSs, além da classificação de Miles *et al.* (1995), não foram encontrados na literatura outros autores que citassem exemplos de STSs neste contexto de contraposição aos SICs. Além disso, esta classificação de Miles *et*

al. (1995) pode estar desatualizada, em vista de que alguns dos setores citados apresentaram, desde a publicação do estudo, um significativo crescimento em seus índices de inovação e outros fatores que poderiam caracterizá-los como SICs.

Sendo assim, foi proposta uma classificação dos STSs de acordo com uma já existente no IBGE, denominada Setores Prestados Principalmente às Famílias, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Classificação dos setores prestados principalmente às famílias

Setores (IBGE 2014)	Classificação CNAE 2.0	Nº CNAE 2.0
Serviços de alojamento	Hotéis e similares	55.10-8
	Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente	55.90-6
Serviços de alimentação	Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	56.11-2
	Serviços ambulantes de alimentação	56.12-1
	Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada	56.20-1
Atividades culturais, recreativas e esportivas	Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares	90.01-9
	Criação artística	90.02-7
	Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas	90.03-5
	Atividades de exploração de jogos de azar e apostas	92.00-3
	Gestão de instalações de esportes	93.11-5
	Atividades de condicionamento físico	93.13-1
	Atividades esportivas não especificadas anteriormente	93.19-1
	Parques de diversão e parques temáticos	93.21-2
	Atividades de recreação e lazer não especificadas anteriormente	93.29-8
Serviços pessoais	Lavanderias, tinturarias e toalheiros	96.01-7
	Cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza	96.02-5
	Atividades funerárias e serviços relacionados	96.03-3
	Atividades de serviços pessoais não especificadas anteriormente	96.09-2
Atividades de ensino continuado	Atividades de apoio à educação	85.50-3
	Ensino de esportes	85.91-1
	Ensino de arte e cultura	85.92-9
	Ensino de idiomas	85.93-7
	Atividades de ensino não especificadas anteriormente	85.99-6

Fonte: IBGE (2014).

Estes setores, além de se enquadrarem nas características de STSs, pois, em sua maioria, investem pouco em inovação e apresentam mudanças menos frequentes

e significativas, possuem uma predominância de empresas de pequeno porte (IBGE, 2014), fator este que pode auxiliar a concretização da coleta e análise de dados de MPEs.

2.3 Serviços intensivos em conhecimento (SICs)

No Brasil, o número de estudos relacionados aos SICs ainda é pequeno. Em uma revisão bibliográfica realizada em 2017 em duas bases de dados, Spell e Scielo, identificou-se nove artigos nacionais relacionados ao tema. Também foi realizada uma pesquisa nos principais periódicos e congressos na área da Administração, entre eles os congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), a Revista de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (RAE) e a Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP). Esta revisão resultou em apenas quatro outros artigos sobre este tema, chegando a um total de treze artigos nacionais relevantes sobre os SICs, como será apresentado posteriormente no Quadro 2. Na busca foram utilizados os seguintes termos: Serviços Intensivos em Conhecimento, *Knowledge Intensive Business Services* e KIBS. Além disso, nenhum dos artigos encontrados abordou a longevidade das empresas, que é uma importante métrica de desempenho das empresas nascentes.

Quadro 2 - Artigos nacionais relacionados aos SICs

Artigo	Título da Pesquisa	Bases de Dados / Publicação	Porte de Empresas Pesquisadas
BERNARDES; ANDREASSI, 2005	Características das Microempresas no Setor de Serviços Produtivos Intensivos em Informação e Conhecimento	Spell / Revista de Administração e Inovação	Microempresas
BRITO; BARGUIL, 2013	O Papel da Confiança na Coprodução em Serviços Intensivos em Conhecimento	EnANPAD	Não especificado
DALFOVO; SCHARF; KRAMBECK, 2009	A gestão do conhecimento em ambientes intensivos de conhecimento: as pequenas empresas incubadas de softwares	Scielo /Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação	Micro e pequenas empresas
FIGUEIREDO, 2006	Capacidade Tecnológica e Inovação em Organizações de Serviços Intensivos em Conhecimento	Spell / Revista Brasileira de Inovação	Não especificado
FISCHER, 2015	<i>On the Contributions of Knowledge-Intensive Business-Services</i>	Scielo / <i>Brazilian Administration Review</i>	Não especificado

	<i>Multinationals to Laggard Innovation Systems</i>		
GONÇALO; DE LOURDES BORGES, 2010	Organizações de Saúde Intensivas em Conhecimento: um estudo no contexto de serviços de alta complexidade	SciELO / Saúde e Sociedade	Estudo de Caso / Grande Porte
GUIMARÃES; MEIRELLES, 2014	Caracterização e localização das empresas de serviços tecnológicos intensivos em conhecimento no Brasil	SciELO / Gestão & Produção	Todos os portes
JESUS, 2008	<i>Knowledge-Intensive Business Services (KIBS)</i> , Inovação e Aprendizado: um estudo das contribuições dos KIBS no APL	EnANPAD	Microempresas
KUBOTA, 2009	As Kibs e a inovação tecnológica das firmas de serviços	SciELO / Economia e Sociedade	Pequenas e Médias Empresas
MILBRATZ; GOMES, 2017	<i>Knowledge Intensive Business Services - KIBS e o Papel da Aprendizagem e da Inovação no Desempenho Organizacional: Estudo com Empresas de Arquitetura</i>	EnANPAD	Não especificado
PINHEIRO; TIGRE, 2015	Proposta de investigação sobre o uso de software no suporte à inovação em serviços	RAE	Todos os portes
RONNIE, 2017	<i>Knowledge Intensive Business Services (KIBS): bibliometric analysis and their different behaviors in the scientific literature</i>	Spell / Revista de Administração e Inovação	Não especificado
TEIXEIRA, 2016	Desempenho de inovação nas empresas de serviços e KIBS vis à vis indústria transformadora: a relevância da capacidade de absorção e da abertura	SciELO / Revista Brasileira de Gestão de Negócios	Não especificado

Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados de pesquisa bibliográfica.

Como será visto, os SICs podem ser caracterizados pela sua relação com o fornecimento de inovação para outras empresas, por serem fontes primárias de informação e de conhecimento (HERTOG, 2000; FREIRE, 2006). Sendo assim, para uma melhor abordagem acerca dos SICs, é necessário, antes, entender como os diversos setores de empresas podem ser classificados de acordo com as suas inovações para, posteriormente, realizar um aprofundamento teórico sobre as suas características, funções e possíveis classificações.

2.3.1 Inovação

A conceituação do termo inovação se faz importante não apenas para uma melhor compreensão dos SIC, como também para que se analise de forma mais profunda a longevidade das empresas, um dos elementos centrais deste estudo. Isto porque a inovação, segundo alguns estudos, é reconhecida como um fator-chave de

sucesso para a sobrevivência das empresas, ocupando um papel de destaque na busca pela competitividade (BENEDETTI, 2006; BRITO, BRITO e MORGANTI, 2009; DA SILVA NÉTO e TEIXEIRA, 2011). Porém, de acordo com Da Silva Néto e Teixeira (2011), não existe um conceito único que defina o termo.

Drucker (1986) destaca a inovação como instrumento específico dos empreendedores, um meio para que sejam exploradas oportunidades para negócios. Segundo o autor, a inovação pode ser aprendida e praticada, como uma disciplina de estudo. Drucker (1986) afirma, ainda, que a inovação pode ser reconhecida como a capacidade de atribuir novas funções e características aos diversos recursos empresariais para que os mesmos gerem retorno financeiro.

Apesar de diferentes formas de se conceituar, diversos autores concordam que a inovação é caracterizada pela introdução de novas e relevantes ideias, seja através de melhorias internas, desenvolvimento de novos produtos ou mudanças em processos (SCHUMPETER, 1934; PAVITT, 1984; ROGERS, 1995; GIRARDI, 2001).

O Manual de Oslo, publicação editada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e tida como principal fonte internacional de diretrizes para coleta e uso de dados sobre atividades inovadoras, divide a inovação em quatro tipos: inovação de produto, processo, marketing e organizacional. O Manual de Oslo afirma, ainda, que a inovação é fator decisivo para o desenvolvimento social e econômico. Segundo a OCDE, o grau de inovação contribui para o desenvolvimento dos países, através do aumento da produtividade industrial e da qualidade de vida da população (OCDE, 2005).

2.3.2 Classificação das empresas de acordo com suas inovações

Segundo Pavitt (1984), as características e variações das inovações podem ser classificadas em uma taxonomia dividida em três tipos de empresas: (1) dominadas por fornecedores; (2) produção intensiva; (3) baseadas na ciência.

De acordo com o autor, o primeiro tipo é composto por empresas, em sua maioria, de pequeno porte e com estrutura de P&D limitada, como firmas de setores tradicionais da produção industrial, agricultura, construção civil, serviços pessoais, financeiros e comerciais. A maior parte de suas inovações vêm de seus fornecedores e são voltadas para os processos. O segundo tipo é composto por firmas orientadas para inovações em produto, que permitem elevar seu desempenho, como setores de

autopeças, máquinas e equipamentos. Por fim, o terceiro tipo desenvolve suas inovações através dos seus próprios setores de P&D, como nos setores químico e eletro/eletrônico.

De acordo com esta classificação, as empresas de um determinado setor e em um dado contexto institucional seguem a mesma trajetória de inovação. Neste caso, as empresas do setor de serviços que oferecem inovações a outras firmas se enquadrariam no primeiro tipo, segundo a taxonomia de Pavitt. Estas empresas seriam, posteriormente, classificadas como Organizações de Serviços Intensivos em Conhecimento por diversos outros autores, conforme abordado a seguir.

2.3.3 Características e funções dos SICs

Os SICs, conhecidos internacionalmente como KIBS – *Knowledge Intensive Business Services*, são serviços cada vez mais valorizados em um mundo onde o conhecimento e inovação possuem um valor cada vez maior. De acordo com Freire (2006), em um cenário que vem se consolidando nas últimas décadas, a inovação se tornou fator essencial para a competitividade das empresas. Neste novo contexto socioeconômico, o investimento em conhecimento, aprendizado em redes e apropriação de tecnologia se tornam elementos essenciais. E é neste contexto que os SICs aparecem como elementos centrais.

Segundo Miles *et al.* (1995), integram os SICs aquelas instituições que promovem a geração, difusão e acúmulo de conhecimento dentro de sistemas econômicos. Os autores, responsáveis pela primeira menção ao termo *Knowledge Intensive Business Services*, relacionam as seguintes características aos SICs: dependem fortemente do conhecimento profissional; são fontes de informação e conhecimento; usam seu conhecimento para produzir serviços de intermediação para seus clientes; são de importância competitiva e são fornecidos principalmente às empresas.

Para Hertog (2000), os SICs exercem três funções: a) Facilitadoras: quando dão suporte aos seus clientes em seu processo inovativo, no caso em que não tenham sido os geradores da inovação e não tenham transferido essa inovação de outras firmas para o cliente; b) Transportadoras: quando elas transferem inovações de uma firma ou indústria para o cliente, mesmo que não tenham sido os geradores da

inovação; e c) Fontes: quando exercem um papel fundamental na iniciação e desenvolvimento da inovação no cliente, normalmente em processo iterativo.

De acordo com Freire (2006), estes serviços possuem algumas características específicas, como uma expressiva participação na geração de valor, a utilização de um número maior de recursos humanos de alta qualificação e a atuação como fontes primárias de informação e de conhecimento. Sua pesquisa concluiu que este grupo formado por informática, telecomunicações e serviços técnicos destinados às empresas, participa com 37,9% da receita do setor de serviços como um todo no Brasil. Já a participação dos SIC na geração de empregos é de 12,8%. Segundo Freire (2006), a produção significativa de receita dos SIC não é acompanhada pela geração de empregos porque são atividades que produzem muito valor, mas o fazem empregando pouca e qualificada mão de obra em comparação com outros setores da economia.

Freire (2006) identificou, ainda, que os SICs possuem maiores proporções de pessoal ocupado em ensino superior que qualquer outro setor de atividade, comprovando a informação que o setor utiliza de mão de obra mais qualificada na comparação com outros setores da economia. O autor conclui afirmando que os SICs formam um grupo com características distintas: gerador de receita, empregador de mão de obra qualificada e com tendência de crescimento nos últimos anos, acompanhando tendência de outros países, como mostra a literatura internacional. Portanto, baseando-se nas conclusões descritas acima, tem-se a primeira hipótese desta pesquisa.

Hipótese 1: empresas de SICs tem porcentagem maior de pessoas empregadas com nível de educação superior em relação a empresas de STSs.

2.3.4 Cenário nacional e internacional de SICs

A contribuição dos SICs para a economia dos países tem sido valorizada por diversos autores da literatura internacional, que reconhecem estas empresas como disseminadoras de conhecimento e inovações. Muller e Zenker (2001) abordam os múltiplos papéis prestados pelas empresas de serviços intensivos, além de reconhecerem a importância das mesmas enquanto fontes difusoras de inovação para seus clientes. Jennequin (2007) aborda a elevada qualificação a mão-de-obra nas empresas de SIC, em concordância com Smedlund e Toivonen (2007), que citam

ainda a importância dos SIC para o desenvolvimento regional. Segundo Kam e Singh (2004), as empresas SIC usam uma grande variedade de fontes de informação e inovação, e demonstraram ser mais inovadoras do que as empresas de setores não-intensivos.

No Brasil, os SICs, como abordado anteriormente, ainda são pouco explorados pela literatura acadêmica. O estudo que mais se aproximou da concretização de um panorama dos SICs no país foi o de Freire (2006), que verificou a caracterização realizada pela literatura internacional no âmbito das empresas brasileiras. Segundo Freire, foi observado que os SIC no Brasil têm alta participação na geração de receita, porém o mesmo peso não se verifica na criação de postos de trabalho. Isso porque são atividades que produzem muito valor e são intensivas em conhecimento, mas o fazem empregando pouca e qualificada mão-de-obra em comparação a outros setores da economia.

Outro fato observado por Freire (2006) foi a concentração dos SICs na Região Metropolitana de São Paulo. Segundo o estudo, do total da receita líquida produzida pelos SIC no Brasil, 37,2% saem da referida região. Concentração similar ocorre em relação ao pessoal ocupado, uma vez que a região responde por 31,2% de toda a mão-de-obra em SIC do país. Além da expressiva geração de receita e da concentração em regiões metropolitanas, outro fator observado pela literatura internacional em relação aos SIC é o seu crescimento expressivo nos anos recentes, que também pode ser observado no caso brasileiro. Outra característica dos SICs presente também no âmbito nacional é a utilização de mão-de-obra mais qualificada na comparação com outros setores da economia.

2.3.5 Classificação dos SICs

De acordo com Freire (2006), a seleção dos setores que constituem os SIC é um desafio para analistas, pesquisadores e agências estatísticas.

O campo relativamente extenso para a aplicação das novas tecnologias, a constante destruição e a recriação de barreiras entre os segmentos, as dificuldades para mensuração de serviços de natureza intangível e a impossibilidade de definir convenções estatísticas precisas em um quadro em que as estruturas tecnológicas se encontram em transformação são dificuldades para a definição mais precisa dos segmentos que compõem o núcleo da chamada economia da informação, em particular os SIC (FREIRE, 2006, p. 115).

Para encontrar um consenso sobre os setores classificados como SICs, foi realizado um estudo bibliográfico entre os autores que exploraram esta classificação, resultando nas informações listadas no Quadro 3. Vale ressaltar que os autores selecionados utilizaram diferentes classificações de empresas, variando, por exemplo, de acordo com as classificações empresariais vigentes nos países onde cada estudo foi realizado ou mesmo de acordo com a data de realização da pesquisa. Para exemplificar, o estudo de Muller e Doloreux (2009) utilizou a classificação NACE (*European Classification of Economic Activities*), enquanto a pesquisa de Freire (2006) utilizou o CNAE (Classificação Nacional de Atividade Econômica) em sua versão 1.0, classificação brasileira que foi atualizada, posteriormente, para a versão 2.0.

Por ser esta a classificação empresarial mais comumente utilizada e difundida entre os pesquisadores brasileiros, o quadro apresenta uma relação de todas as atividades listadas pelos estudos selecionados com aquelas que seriam suas respectivas classes do CNAE 2.0. Foi realizada, também, uma ordenação decrescente das atividades de acordo com o número de citações, para possibilitar uma posterior seleção das atividades mais citadas pelos principais autores do tema.

Quadro 3 – Levantamento da classificação dos setores considerados KIBS

Setores (Nomenclaturas utilizadas pelos autores)	Nº Citações	Autores	Classe KIBS (MILES <i>et al.</i> , 1995)	Classificação CNAE 2.0	Nº CNAE 2.0
1. <i>Legal services</i> 2. Atividades jurídicas 3. Atividades jurídicas, contábeis e de assessoria empresarial 4. <i>Legal activities</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS I	Atividades jurídicas, exceto cartórios	69.11-7
1. <i>Management Consultancy involving new technology</i> 2. Consultoria em sistemas de informática 3. Consultoria em sistemas de informática e desenvolvimento de programas de informática 4. <i>Software consultancy and supply</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS II	Consultoria em tecnologia da informação	62.04-0
1. <i>Accounting and bookkeeping</i> 2. Contabilidade e auditoria 3. Atividades jurídicas, contábeis e de assessoria empresarial 4. <i>Accounting, book-keeping and auditing activities; tax consultancy</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS I	Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária	69.20-6
1. <i>Software</i> 2. Desenvolvimento de programas de Informática 3. Consultoria em sistemas de informática e desenvolvimento de programas de informática 4. <i>Software consultancy and supply</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS II	Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda	62.01-5
				Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis	62.02-3
				Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador não customizáveis	62.03-1

1. <i>Office services involving new office equipment</i> 2 e 3. Manutenção e reparação de máquinas de escritório e de informática 4. <i>Maintenance and repair of office, accounting and computing machinery</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS II	Reparação e manutenção de computadores e de equipamentos periféricos	95.11-8
				Suporte técnico, manutenção e outros serviços em tecnologia da informação	62.09-1
1. <i>Marketing/advertising</i> 2 e 3. Publicidade 4. <i>Advertising</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS I	Agências de publicidade	73.11-4
1. <i>Building services</i> 2 e 3. Serviços de arquitetura e engenharia e de assessoramento técnico especializado 4. <i>Architectural and engineering activities and related technical consultancy</i>	4	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS I	Serviços de arquitetura	71.11-1
				Serviços de engenharia	71.12-0
				Atividades técnicas relacionadas à arquitetura e engenharia	71.19-7
1. <i>Management Consultancy</i> 2. Assessoria em gestão empresarial 4. <i>Business and management consultancy activities</i>	3	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS I	Atividades de consultoria em gestão empresarial	70.20-4
2 e 3. Ensaaios de Materiais e de Produtos 4. <i>Technical testing and analysis</i>	3	2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	-	Testes e análises técnicas	71.20-1
1. <i>R&D Consultancy and "high-tech boutiques"</i> 3. Pesquisa e desenvolvimento 4. <i>Research and development</i>	3	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	KIBS II	Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências físicas e naturais	72.10-0
				Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências sociais e humanas	72.20-7
1. <i>Telecommunications</i> 2 e 3. Telecomunicações	3	1. MILES <i>et al.</i> , 1995 2. FREIRE, 2006 3. ANDREASSI; BERNARDES, 2007	KIBS II	Telecomunicações por fio	61.10-8
				Telecomunicações sem fio	61.20-5
				Telecomunicações por satélite	61.30-2

				Operadoras de televisão por assinatura por cabo	61.41-8
				Operadoras de televisão por assinatura por microondas	61.42-6
				Operadoras de televisão por assinatura por satélite	61.43-4
2. Pesquisa de mercado e de opinião pública 4. <i>Market research and public opinion polling</i>	2	2. FREIRE, 2006 4. MULLER; DOLOREUX, 2009	-	Pesquisas de mercado e de opinião pública	73.20-3
1. <i>Training</i>	1	1. MILES <i>et al.</i> , 1995	KIBS I	Atividades de apoio à educação	85.50-3
1. <i>Design</i>	1	1. MILES <i>et al.</i> , 1995	KIBS I	Design e decoração de interiores	74.10-2
				Design gráfico	74.90-1
				Atividades técnicas relacionadas à arquitetura e engenharia	71.19-7
1. <i>Some Financial Services</i>	1	1. MILES <i>et al.</i> , 1995	KIBS I	Administração de bolsas e mercados de balcão organizados	66.11-8
4. <i>Research and experimental development in natural sciences and engineering</i>	1	4. MULLER; DOLOREUX, 2009	-	P&D. Exp. em ciências físicas e naturais	72.20-0
4. <i>Research and experimental development in social sciences and humanities</i>	1	4. MULLER; DOLOREUX, 2009	-	P&D Exp. em ciências sociais e humanas	72.20-7

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas fontes pesquisadas.

2.4 Métricas de desempenho

Grande parte dos estudos sobre desempenho organizacional tende a se concentrar em indicadores de desempenho financeiro, como nível de vendas, crescimento de vendas, rentabilidade e preço das ações. Este fator vai de encontro à visão predominante de que as estratégias empresariais visam aumentar o valor econômico da empresa. No entanto, há preocupações crescentes de que os indicadores de desempenho operacional, como a posição de mercado, a introdução de novos produtos, a qualidade do produto e a eficiência operacional também devem ser considerados para ampliar o conceito de desempenho do negócio (VENKATRAMAN; RAMANUJAM, 1986).

2.4.1 Dificuldades na definição das métricas de desempenho

São grandes as dificuldades de se mensurar o desempenho das empresas, principalmente quando o objeto de análise são MPEs. Alguns estudos exploram esta dificuldade em se definir uma métrica de desempenho de empresas justamente por este ser um construto complexo e multidimensional (COMBS, CROOK, SHOOK, 2005; RICHARD *et al.*, 2009; VENKATRAMAN e RAMANUJAM, 1986).

Richard *et al.* (2009) destaca a eficácia limitada das práticas de medição comumente aceitas ao explorar essa multidimensionalidade. Combs, Russell Crook e Shook (2005) sugerem que a mensuração de desempenho seja dividida entre operacional e organizacional e que esta última pode ser melhor dimensionada através de informações contábeis, financeiras e medidas de crescimento.

Padrão (2011), em seu estudo sobre o sucesso de novas empresas de base tecnológica, também explora a dificuldade em se definir as métricas de desempenho em determinados setores. Segundo o estudo, o desempenho das empresas tem que ser mensurado em função das características de cada segmento. O autor afirma que, em alguns casos, as organizações podem não possuir dados financeiros facilmente acessíveis, fazendo com que outras formas de mensuração possam ser mais eficientes e assertivas.

Para exemplificar esta crescente preocupação na utilização de métricas alternativas de desempenho, Peregrino de Brito e Ledur Brito (2012) propõe um modelo que combina os resultados de lucratividade e crescimento de mercado e é

operacionalizado via modelagem multinível, na qual o desempenho de cada empresa é testado em relação à média do setor.

2.4.2 Taxa de mortalidade e Ciclo de Vida Organizacional (CVO)

Além dessa dificuldade em se definir as métricas de desempenho das organizações, há outra problemática relevante a ser abordada para o presente estudo. Quando tratamos da expectativa de vida das organizações de pequeno porte, são raros os estudos que abordam a longevidade das firmas, sendo que a maior parte se dedica a pesquisar a mortalidade das MPEs, como a pesquisa realizada pelo Sebrae (2013). Este estudo demonstrou que a taxa de mortalidade das empresas nacionais constituídas em 2007 com até dois anos de atividade foi de 24,4%, sendo que o setor de serviços obteve o maior índice, conforme informado no item 1.1.

Um dos fatores que podem auxiliar nesta elevada taxa de mortalidade das MPEs seria que, em seus primeiros anos de vida, muitas empresas não evoluem para desenvolver um potencial mercadológico e gerencial efetivo, conforme descrito em estudos que analisaram a sobrevivência das empresas através de análise do Ciclo de Vida Organizacional (CVO). Este tema, que explora a forma pela qual as organizações se desenvolvem ao longo do tempo, foi abordado por diversos autores em todo o mundo de maneiras distintas, sem existir um consenso quanto aos seus resultados empíricos (JUNQUEIRA *et al.*, 2008).

Revisões literárias sobre o CVO revelaram cinco estágios comuns que podem apresentar diferentes nomenclaturas, conforme descrito a seguir: nascimento ou existência, crescimento ou sobrevivência, maturidade ou sucesso, avivamento ou renovação e declínio (MILLER; FRIESEN, 1984, JUNQUEIRA *et al.*, 2008). De acordo com estes estudos, as organizações tendem a se mover através dos cinco estágios, seguindo-se do nascimento ao declínio. No entanto, Miller e Friesen (1984) comprovaram em seu estudo que as organizações não seguiam sempre a mesma sequência de estágios.

Além disso, as empresas longevas, segundo Collins e Porras (1995), mesmo passando por todos os estágios, apresentam uma capacidade de recuperação e conseguem vencer as adversidades. Os autores afirmam que os valores centrais dessas empresas possuem uma base sólida e não estão sujeitos a tendências e modas passageiras. Através destas ideologias bem estabelecidas, estas empresas

demonstram um grande desejo de evolução e superação, fato que lhes garante uma maior sobrevida.

Para Fleck (2009), existe uma relação entre a longevidade e o alto desempenho organizacional, porém mesmo organizações centenárias correm o risco de encerrar suas atividades caso estejam inseridas em ambientes que não facilitem a criação de valor. Segundo Montuori (2000), a longevidade empresarial está ligada à função de ajustar o ambiente interno às condições impostas pelo ambiente externo. O autor cita o termo Darwinismo Organizacional, no qual as organizações podem aumentar suas chances de sobrevivência através de líderes que saibam conduzi-las em ambientes incertos e turbulentos.

Cajaíba de Oliveira, Castro Silva e Tavares Araújo (2013) afirmam que, nos diversos estágios de maturidade das MPEs, algumas características empreendedoras demonstradas pelos líderes, como independência e autoconfiança, podem contribuir positivamente para o desempenho das empresas. Ferreira (2001) procura identificar em sua pesquisa os diversos fatores que interferem na longevidade das MPEs. Segundo o autor, um dos fatores que determinam se as empresas serão ou não longevas seria o seu estilo de gestão.

2.4.3 Longevidade como métrica de desempenho das MPEs

Após uma maior compreensão das dificuldades na definição das métricas de desempenho e uma análise dos construtos desempenho, longevidade, taxa de mortalidade e CVO, sugere-se a utilização da taxa de longevidade como métrica de desempenho das MPEs do setor de serviços.

Isto porque, primeiro, o dado que mais impacta este segmento é sua alta taxa de mortalidade. Como já exposto anteriormente, a elevada taxa de mortalidade das MPEs do setor de serviços foi explorada em um estudo realizado pelo Sebrae, que analisou a taxa de sobrevivência das empresas com até dois anos de atividade no Brasil (SEBRAE, 2013). De acordo com este estudo, o setor de serviços apresentou uma taxa de mortalidade superior aos demais setores da economia.

Segundo, porque a mensuração de desempenho das MPEs através de dados financeiros seria inviável devido à dificuldade de acesso a tais dados. E, mesmo que estes dados estivessem disponíveis para análise, os baixos valores expostos devido ao porte das empresas estudadas poderiam dificultar uma compreensão detalhada do

cenário, sendo que pequenas diferenças de valor poderiam demonstrar um grande impacto no resultado final do estudo.

Conforme apresentado nas justificativas deste estudo, não foram identificadas pesquisas que comparassem a longevidade de empresas de setores SICs com as de setores STSs. No entanto, podemos elaborar uma hipótese com base em dois argumentos. Primeiro, na seção 2.4.2, Fleck (2009) argumenta especificamente que mesmo organizações centenárias correm o risco de encerrar suas atividades caso estejam inseridas em ambientes que não facilitem a criação de valor. Segundo, empresas de setores SICs tem o papel de aprender e criar inovações em função da natureza de suas atividades que são baseadas em conhecimentos específicos, conforme argumentado, por exemplo, por Fischer (2015) e Milbratz e Gomes (2017). Portanto, pode-se elaborar a seguinte hipótese:

Hipótese 2: Empresas de setores SICs têm uma longevidade maior do que empresas de setores STS.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizando-se da classificação exposta por Farias Filho e Arruda Filho (2013), o campo da ciência deste estudo é monodisciplinar, a saber, Administração. A finalidade da pesquisa é aplicada, a abrangência é transversal, pois serão coletados dados das empresas disponíveis no momento da coleta, e o objetivo é descritivo, ou seja, descrever dois grupos de empresas e verificar a relação entre as taxas de longevidade. A natureza da pesquisa é quantitativa, pois pretende-se traduzir informações em números para analisá-las e classificá-las, utilizando-se de recursos e técnicas estatísticas.

O procedimento envolverá um levantamento de dados em fontes secundárias, a saber, o IBGE e dados da Junta Comercial, por meio da coleta de dados e estatísticas sobre MPEs na região selecionada para a pesquisa e em todo o Brasil. Portanto, trata-se de uma bibliográfica.

Quadro 4 – Classificação do procedimento metodológico do presente estudo

Classificação da Pesquisa	
Campo da Ciência	Monodisciplinar
Finalidade	Aplicada
Abrangência Temporal	Transversal
Objetivo	Exploratória e Descritiva
Natureza	Quantitativa
Procedimento Técnico	Pesquisa documental
Local de Realização	Bases de dados (IBGE e Junta Comercial do Estado de Minas Gerais)
Dados	Dados Secundários

Fonte: O autor.

3.1 Caracterização da pesquisa

Para Farias Filho e Arruda Filho (2013), é imprescindível que o pesquisador caracterize sua pesquisa em detrimento de apenas apresentar os resultados. Os autores defendem que quando há esta caracterização existe a possibilidade de um melhor desenvolvimento da pesquisa, haja vista que a probabilidade de se encontrar métodos e técnicas mais adequados aumenta. Sendo assim, eles descrevem as seguintes tipologias de pesquisa.

a) Campo da ciência: monodisciplinar

Quanto aos campos e setores do conhecimento, pode-se dizer que o presente trabalho aborda o campo da ciência monodisciplinar. Isto significa que a pesquisa realizada se baseia em apenas uma disciplina acadêmica, neste caso, no campo da Administração (FARIAS FILHO; ARRUDA FILHO, 2013).

b) Finalidade: aplicada

Quanto à utilização de seus resultados, este trabalho tem sua finalidade definida enquanto aplicada. Isto significa que os resultados obtidos com a pesquisa são voltados para a aplicação prática (FARIAS FILHO E ARRUDA FILHO, 2013).

c) Abrangência temporal: transversal

O estudo será realizado uma vez e representará apenas um determinado momento, pois a longevidade das empresas dos setores será calculada no ano de 2017, bem como as comparações entre as longevidades dos diferentes setores (FARIAS FILHO E ARRUDA FILHO, 2013).

d) Objetivo: exploratória e descritiva

Quanto aos seus objetivos, a presente pesquisa é exploratória, pois tem como objetivo alcançar uma maior familiaridade com o tema, estabelecendo os primeiros contatos com o objeto de pesquisa e seu problema. Mas também é descritiva, pois visa descrever as características de determinadas populações ou fenômenos (GIL, 2008; FARIAS FILHO E ARRUDA FILHO, 2013).

e) Natureza: quantitativa

De acordo com Farias Filho e Arruda Filho (2013), os estudos com abordagem quantitativa têm o objetivo de traduzir opiniões e informações em números, para posterior classificação e análise.

f) Quanto aos procedimentos técnicos: pesquisa documental

De acordo com Gil (2008), as fontes documentais proporcionam ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o

constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas.

Segundo o autor, os experimentos e os levantamentos não são apropriados para proporcionar o conhecimento do passado. Nos levantamentos, quando se indaga acerca do comportamento passado, o que se obtém é a percepção do respondente a esse respeito. Já os dados documentais, por terem sido elaborados no período que se pretende estudar, são capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade.

Além disso, em casos como o da presente pesquisa, a obtenção de dados só se torna possível por meio de documentos.

g) Local de realização: IBGE e Junta Comercial do Estado de Minas Gerais

Quanto às fontes de informação, o presente estudo irá utilizar as bases de dados do IBGE e da Junta Comercial do Estado de Minas Gerais (JUCEMG), podendo, ainda, ser caracterizado como bibliográfico. A caracterização descrita por Farias Filho e Arruda Filho (2013) descreve esta etapa como “local de realização”. Já Dos Santos (1999) se refere a esta caracterização como “fontes de informação”.

De acordo com Dos Santos (1999), a pesquisa bibliográfica tem como principal instrumento a habilidade de leitura do pesquisador, ou seja, sua capacidade de extrair informações de textos escritos. Segundo o autor, os dados obtidos através de fontes bibliográficas podem ser considerados uma preciosa fonte de informações, com dados já organizados e analisados.

h) Dados: secundários

Por se tratar de uma pesquisa fundamentada em dados de materiais já analisados por outros, esta pesquisa é caracterizada como de dados secundários, segundo Farias Filho e Arruda Filho (2013).

3.2 Método de levantamento dos dados secundários

A partir da escolha dos setores e local para a pesquisa, que será detalhada no tópico seguinte, foram adquiridos, junto à JUCEMG, dados referentes a empresas pertencentes aos setores selecionados como representantes dos SICs e STSs, para uma posterior análise comparativa.

Para possibilitar as análises, foram solicitados dados de todas as empresas abertas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, e pertencentes a cada um dos setores selecionados. Os dados obtidos foram a razão social e CNPJ das empresas, além de uma divisão entre empresas ativas e extintas. Através da consulta do CNPJ de cada empresa no *website* da Receita Federal, foram coletadas as datas de abertura de todas as empresas e as datas de encerramento das empresas extintas.

Através destes dados foi obtida a variável longevidade, conforme será descrito adiante, no item 3.4, que possibilitou a realização das análises, conforme descrito no item 3.5. O modelo de requerimento de dados na JUCEMG pode ser visto no Anexo A e um exemplo de planilha de dados coletados pode ser conferido no Anexo B.

3.3 Escolha dos setores para a pesquisa

Os estudos de Freire (2006) e Bernardes e Andreassi (2007) optaram pela utilização do Código Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) como critério de composição setorial. Por ser esta a classificação empresarial mais comumente utilizada e difundida entre as principais pesquisas brasileiras sobre SIC, este estudo optou por relacionar com o CNAE 2.0 todos os setores selecionados para análise.

3.3.1 Escolha dos setores de SICs

Para a escolha dos setores de SICs, foram selecionados os doze que obtiveram o maior número de citações na referida pesquisa, conforme demonstrado pelo Quadro 3 (p. 29). Entre estes setores mais citados, foi realizada uma coleta de dados no IBGE para encontrar e selecionar os três setores de SICs que mais cresceram no Brasil nos últimos três anos com dados disponíveis (2012 a 2015), conforme demonstrado na Tabela 1, a seguir.

Para se chegar ao resultado, foi calculado o número de micro e pequenas empresas ativas nos referidos anos, levando em conta a categorização do Sebrae (2014), na qual as microempresas empregam até nove pessoas e as pequenas empresas até 49. Além da escolha dos três setores de SICs, a tabela também foi elaborada para uma comparação entre o crescimento dos setores no Brasil e no estado de Minas Gerais, conforme será descrito no item 3.4. Os setores de SICs selecionados para a pesquisa de acordo com sua taxa de crescimento foram:

Publicidade – CNAE 73.1, Atividades de Contabilidade, Consultoria e Auditoria Contábil e Tributária – CNAE 69.2 e Atividades Jurídicas – CNAE 69.1.

Tabela 1 – Crescimento de MPE de SICs em Minas Gerais e no Brasil

CNAE 62.0 Atividades dos serviços de tecnologia da informação	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	71.080	63.979	-10%
	Minas Gerais	5.571	4.945	-11%
CNAE 69.1 Atividades jurídicas	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	31.850	36.981	16%
	Minas Gerais	3.588	3.884	8%
CNAE 69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	47.665	54.593	15%
	Minas Gerais	5.178	6.016	16%
CNAE 71.1 Serviços de arquitetura e engenharia	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	53.928	58.433	8%
	Minas Gerais	8.110	8.428	4%
CNAE 73.1 Publicidade	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	29.579	34.051	15%
	Minas Gerais	2.390	3.008	26%
CNAE 95.1 Reparação e Manutenção de Equipamentos de Informática	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	24.740	22.878	-8%
	Minas Gerais	2.133	1.954	-8%

Fonte: IBGE -Tabela 987. Adequação e cálculo de crescimento feitos pelo autor.

Como pode ser observado na relação acima, o IBGE fornece dados de setores relacionando os mesmos com as classes do CNAE 2.0, limitando-se a categorização em três dígitos do CNAE, que possui uma divisão em até sete dígitos. Entretanto, a JUCEMG exige, para a aquisição de dados, que se forneça o CNAE detalhado em suas subclasses, ou seja com os sete dígitos. Para realizar esta escolha, foram selecionados os setores mais representativos em número de empresas dentro de cada classe. A escolha final dos setores de SICs está ilustrada abaixo, juntamente

com seus respectivos códigos do CNAE e um código identificador de cada um dos setores, que servirá para relacioná-los em tabelas e outros dados adiante:

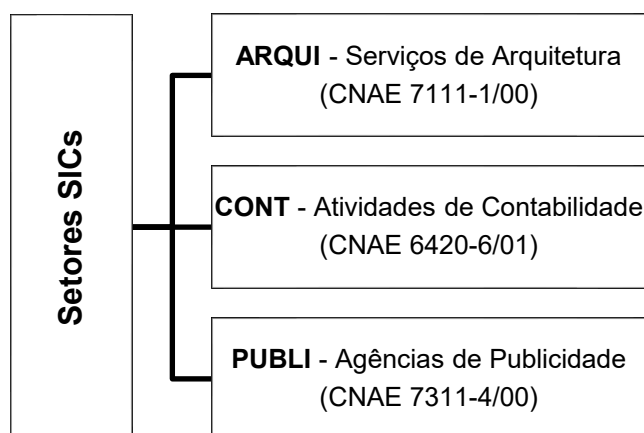


Figura 1 - Setores de SICs selecionados

Fonte: O autor.

3.3.2 Escolha dos STSs

Para seleção dos setores representativos dos STSs, foram selecionados, entre os setores citados no Quadro 2 (p. 19) aqueles que obtiveram maior crescimento nos últimos três anos de dados disponíveis no IBGE. Para isto, foram analisados os índices de crescimento entre 2012 e 2015 dos dez setores disponíveis para pesquisa de acordo com o grupo do CNAE 2.0 ao qual pertencem, conforme demonstrado na Tabela 2. Os STSs selecionados para a pesquisa foram: Serviços de catering, bufê e outros serviços de alimentação preparada – CNAE 56.2, Atividades de apoio à educação – CNAE 85.5 e Outras atividades de ensino – CNAE 85.9.

A escolha do período de três anos para coleta e análise dos dados considerou os dados disponíveis no IBGE e o prazo médio adequado ao desenvolvimento de estratégias em diversos portes e segmentos de empresas, conforme constatado por Powell (2003).

Tabela 2 – Crescimento de MPE de STSs em Minas Gerais e no Brasil

CNAE 55.1 Hotéis e similares	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	28.880	29.771	3%
	Minas Gerais	3.612	3.697	2%
CNAE 55.9 Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	4.921	4.708	-4%
	Minas Gerais	596	537	-10%
CNAE 56.1 Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebida	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	257.294	255.424	-1%
	Minas Gerais	28.700	28.553	-1%
CNAE 56.2 Serviços de catering, bufê e outros serviços de alimentação preparada	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	21.777	24.048	10%
	Minas Gerais	1.678	1.879	12%
CNAE 90.0 Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	17.662	16.913	-4%
	Minas Gerais	1.469	1.429	-3%
CNAE 92.0 Atividades de exploração de jogos de azar e apostas	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	473	124	-74%
	Minas Gerais	53	19	-64%
CNAE 93.2 Atividades de recreação e lazer	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	11.564	8.898	-23%
	Minas Gerais	1.313	969	-26%
CNAE 96.0 Outras atividades de serviços pessoais	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	61.543	58.447	-5%
	Minas Gerais	5.314	5.205	-2%
CNAE 85.5 Atividades de apoio à educação	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	16.915	62.084	267%
	Minas Gerais	4.956	6.776	37%
CNAE 85.9 Outras atividades de ensino	Local	Ano		Crescimento do setor
		2012	2015	
	Brasil	52.328	61.261	17%
	Minas Gerais	5.648	6.532	16%

Fonte: IBGE -Tabela 987. Adequação e cálculo de crescimento feitos pelo autor.

Também para contornar a divergência numérica entre os dados do CNAE fornecidos pelo IBGE e pela JUCEMG, foram selecionados os setores mais representativos em número de empresas dentro de cada classe dos setores tradicionais. A escolha final dos STSs está ilustrada abaixo, juntamente com seus respectivos códigos do CNAE e um código identificador de cada um dos setores, que servirá para relacioná-los em tabelas e outros dados adiante:

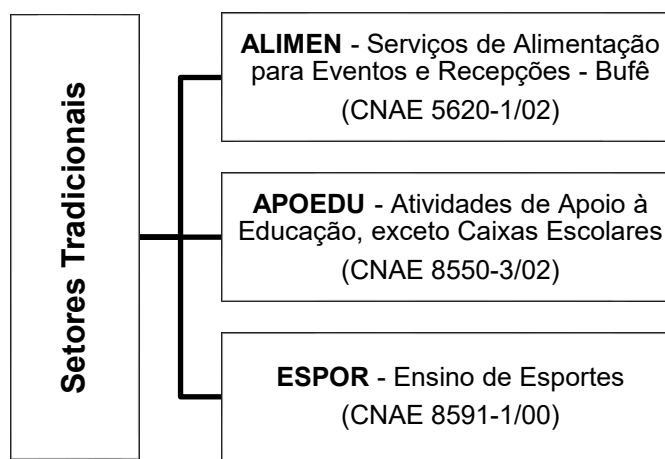


Figura 2 - Setores Tradicionais selecionados

Fonte: O autor.

3.4 Escolha do local para a coleta de dados

Foi proposta, ainda, uma delimitação geográfica para tornar viável a obtenção de dados e a realização da pesquisa. Foi escolhida a cidade de Uberlândia, no estado de Minas Gerais. Este município, que se encontra localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, estado de Minas Gerais, região Sudeste, ocupa uma posição geográfica estratégica no centro do país. A malha rodoviária, ferroviária e o Terminal Intermodal de Cargas ligam a cidade aos principais mercados do Brasil, ao Mercosul e ao mundo (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2015).

Além de maior abertura e facilidade para a obtenção e análise dos dados, devido ao fato da pesquisa ter se originado nesta região, alguns dados coletados corroboram com a escolha da cidade de Uberlândia para sediar o estudo. Como pode ser observado na Tabela 1, o estado de Minas Gerais possui, em grande parte dos setores, uma média de crescimento semelhante à média nacional, possibilitando que

a pesquisa seja realizada no estado. Além disso, Uberlândia está entre as principais economias do país, é um dos municípios de maior destaque entre as cidades do interior do Brasil e é a segunda cidade mais populosa do estado de Minas Gerais, atrás apenas da capital, Belo Horizonte, além de possuir o segundo maior PIB do estado (IBGE, 2017).

3.5 Mensuração das variáveis-chave

Através dos dados adquiridos junto à JUCEMG, será realizado um cálculo para se chegar à longevidade de cada empresa, como exemplificado no Anexo C. Este valor será representado pelo número de dias que a empresa se manteve ativa. No caso de empresas em atividade, o cálculo levou em conta o número de dias entre a sua abertura e a data de realização do cálculo. No caso de empresas extintas, sua longevidade será representada pelo número de dias entre a sua abertura e o seu encerramento.

3.6 Método de análise

Em relação aos métodos de análise, os dados secundários obtidos foram analisados levando em conta todos os valores que, de alguma forma, não foram ou não puderam ser fornecidos, conhecidos no campo estatístico como *missing values*. Estes valores faltantes são considerados um fator endêmico no campo das ciências sociais (JUSTER E SMITH, 1997), pois, quando ignorados ou mal interpretados, podem produzir estimativas tendenciosas, estatísticas distorcidas e conclusões inválidas. No caso deste estudo, as observações (empresas) que não possuírem os dados para o cálculo da longevidade serão excluídas da análise.

Foi realizada, ainda, uma identificação e análise dos dados que possuem alto grau de divergência dos demais, conhecidos como *outliers*. Estas divergências podem ser causadas por alguma falha na entrada dos dados ou pelo resultado de um evento extraordinário (HAIR *et al.*, 2005). No caso deste estudo, os *outliers* também serão excluídos da análise.

Para realizar as análises estatísticas, foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23, a fim de se calcular as seguintes medidas:

Média, desvio padrão, assimetria e curtose com a finalidade de analisar o posicionamento e dispersão da longevidade das empresas.

A fim de se analisar as premissas necessárias para as análises multivariadas, foram executados o teste Kolmogorov-Smirnov, com a finalidade de avaliar a distribuição normal dos dados. Como o teste Kolmogorov-Smirnov é muito rigoroso, caso o resultado dele seja negativo, serão analisados os índices de assimetria e curtose. Outra premissa necessária para as análises multivariadas é a homocedasticidade, para isso será utilizado o teste de Levene que é fornecido pelo SPSS no cálculo de comparação de médias.

A título de comparação das médias de longevidade das amostras, foi realizado o teste *t-student*, utilizado para o cálculo de comparação da média através do *software* SPSS.

A fim de se verificar a hipótese de que empresas de setores SICs apresentam uma maior distribuição de pessoas empregadas com nível superior, foi feito o teste do qui-quadrado entre um setor SIC e um setor STS. Será assumido no teste do qui-quadrado que a distribuição esperada para um setor SIC é a distribuição de pessoas com nível superior do setor STS.

3.7 Limitações da pesquisa

O presente estudo possui algumas limitações e delimitações, conforme descrito a seguir. Uma delas é relacionada à seleção dos setores para análise. Isto porque apenas os setores de SICs com maior índice de crescimento foram selecionados, fator que limita os resultados da pesquisa, pois, além de desconsiderar parte dos setores, o fator crescimento pode apresentar variações no decorrer dos anos.

Além disso, o IBGE possui uma limitação em sua classificação de setores, pois as tabelas utilizadas para análise não possuem uma categorização completa de acordo com a classificação do CNAE 2.0, conforme descrito nos itens 3.3.1 e 3.3.2. Devido a esta limitação, que não permite que sejam selecionadas empresas de acordo com sua classificação precisa do CNAE 2.0, a pesquisa utilizou apenas seis dos 12 setores mais citados na pesquisa bibliográfica descrita no Quadro 3.

Além das delimitações de escopo, a pesquisa apresenta também algumas fragilidades relacionadas ao grau de confiabilidade dos dados. Isto se dá pelo fato do presente estudo ter sido desenvolvido em um período de grandes mudanças

econômicas e legislativas, o que pode sugerir a possibilidade de alterações nas análises futuras.

Por fim, os dados coletados podem apresentar distorções. Isto pode ocorrer devido a empresas que estão abertas, porém inativas, empresas que encerraram suas atividades mas não deram baixa e empresas cuja atividade principal cadastrada no CNAE diverge da atividade principal realmente realizada pela firma, conforme descrito no item 2.1.2.

4 RESULTADOS ENCONTRADOS

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram divididos em descritivos e analíticos, conforme demonstrado a seguir pela Figura 3:

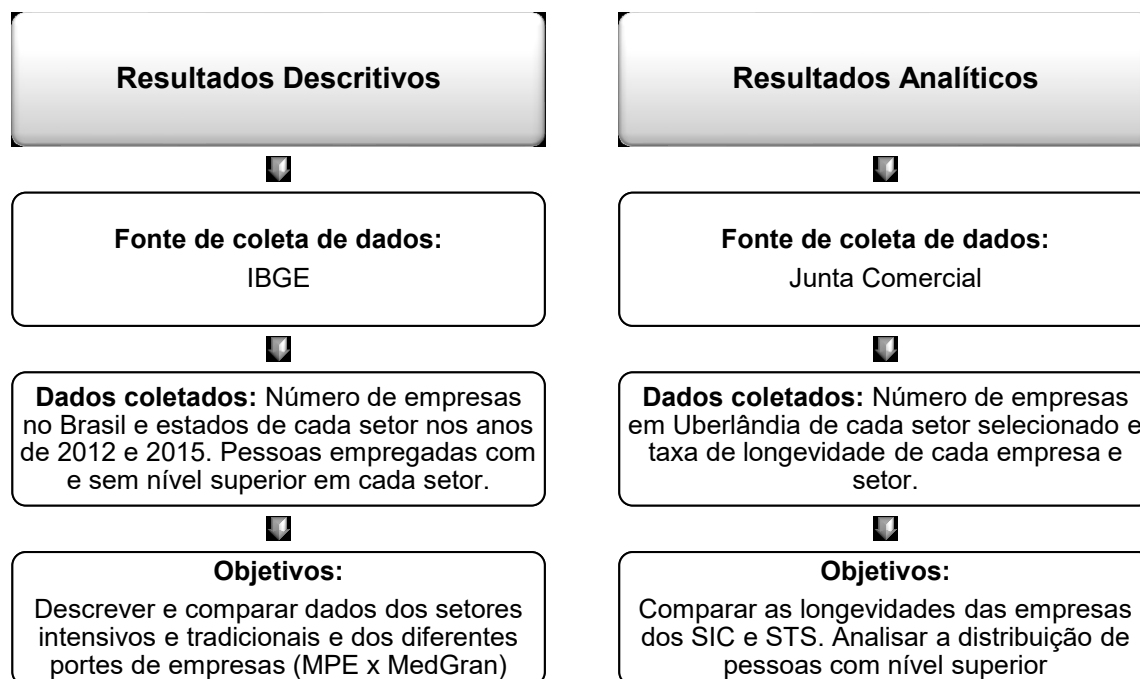


Figura 3 - Resultados Descritivos e Analíticos

Fonte: O autor.

Conforme exposto no item 2.3.4, o estudo que mais se aproximou da concretização de um panorama dos SICs no país foi o de Freire (2006), que verificou a caracterização realizada pela literatura internacional no âmbito das empresas brasileiras. De acordo com a pesquisa de Freire (2006), foram observadas as seguintes características entre os SIC brasileiros: possuem alta participação na geração de receita, oferecem baixa criação de postos de trabalho, concentração de empresas de SICs na Região Metropolitana de São Paulo, tiveram um crescimento expressivo nos anos recentes à pesquisa e utilizam de mão-de-obra mais qualificada na comparação com outros setores da economia.

Através das coletas, interpretações e análises de dados da presente pesquisa, foi possível revisitar e atualizar alguns dos resultados obtidos por Freire (2006), como o elevado índice de crescimento e a utilização de mão-de-obra qualificada em comparação a setores tradicionais. Os tópicos a seguir irão demonstrar as

interpretações, análises e resultados, podendo estes ser comprovados por meio de materiais disponibilizados nos apêndices e anexos, que serão devidamente citados quando se relacionarem e complementarem conteúdo abordado em questão.

4.1 Resultados Descritivos

A seguir serão apresentados os resultados que descrevem o panorama dos seis setores analisados de acordo com dados disponíveis no IBGE.

4.1.1 Comparação entre SICs de acordo com crescimento e porte

Foi feita uma comparação entre as taxas de crescimento de MPEs e Médias e Grandes Empresas (MedGran) de SIC no Brasil. No item 2.1.1 foi exposta uma definição sobre a categorização das empresas em micro e pequenas de acordo com o Sebrae (2014), na qual as microempresas de serviços e comércio empregam até 9 pessoas e as pequenas empresas de serviços e comércio empregam de 10 a 49 pessoas. Utilizando-se desta mesma definição, as médias empresas de serviços e comércio possuem de 50 a 99 pessoas ocupadas, enquanto as grandes empresas de serviços e comércio possuem acima de 100 pessoas ocupadas.

Como pode ser observado na Tabela 3, o crescimento das MPEs foi superior às MedGran em todos os setores SIC analisados.

Tabela 3 - Crescimento de MPEs e MedGran de SIC no Brasil

Setores SIC	2015		2012-15	
	Nº empresas - MPE	Nº empresas - MedGran	Tx. MPE	Tx. MedGran
69.2 – CONT	54.593	337	15%	11%
71.1 – ARQUI	58.433	689	8%	-13%
73.1 – PUBLI	34.051	259	15%	3%

Fonte: IBGE -Tabela 992. Adequação e cálculo de crescimento feitos pelo autor.

Na Tabela 4 é possível ver a distribuição dos SIC analisados de acordo com o tamanho das empresas no Brasil. Nessa tabela fica clara a concordância numérica com os dados do Sebrae (2014), que afirma que as MPE constituem 99% do total de estabelecimentos formais existentes.

Tabela 4 - Distribuição de SICs por porte de empresa no Brasil

Setores SIC	Nº empresas – MPE (%)	2015	Total
		Nº empresas – MedGran (%)	
69.2 – CONT	99,4%	0,6%	54.930
71.1 – ARQUI	98,8%	1,2%	59.122
73.1 – PUBLI	99,2%	0,8%	34.310

Fonte: IBGE -Tabela 992. Adequação e cálculos de porcentagem feitos pelo autor.

4.1.2 Comparação entre SICs e STSs no Brasil e estados

Na Tabela 5 observa-se uma análise das MPEs de SICs por estado brasileiro e sua taxa de crescimento entre 2012 e 2015, que demonstra que o número de empresas de SICs é maior no estado de São Paulo, porém a taxa de crescimento desse estado ficou abaixo de muitos outros.

Tabela 5 - Análise das MPE de SIC por estado

UF	MPE de SIC						Total MPE SIC
	69.2 – CONT		71.1 – ARQUI		73.1 – PUBLI		
	MPE 2015	Tx MPE 12-15	MPE 2015	Tx MPE 12-15	MPE 2015	Tx MPE 12-15	
SP	15092	12%	20742	4%	14231	12%	50065
MG	6016	16%	8428	4%	3008	26%	17452
RJ	4421	12%	6362	0%	2703	7%	13486
RS	4208	12%	4586	16%	2477	14%	11271
PR	4430	17%	4051	24%	2602	30%	11083
SC	3125	14%	2945	28%	1557	33%	7627
BA	2517	13%	1874	7%	1067	9%	5458
GO	1890	18%	1455	37%	933	25%	4278
DF	1311	10%	992	-1%	858	1%	3161
ES	1295	15%	1254	4%	524	16%	3073
PE	1434	23%	917	17%	642	17%	2993
CE	1421	19%	786	10%	627	17%	2834
MT	1260	19%	638	16%	480	36%	2378
MS	757	18%	594	34%	392	24%	1743
PA	850	26%	464	-8%	260	-1%	1574
RN	678	18%	369	4%	255	18%	1302
MA	608	15%	308	4%	209	10%	1125
PB	475	32%	255	26%	240	10%	970
AM	517	20%	250	9%	142	-12%	909
TO	476	14%	230	42%	143	8%	849
SE	334	14%	261	8%	187	19%	782
AL	381	20%	224	29%	150	22%	755
PI	406	20%	186	20%	151	18%	743
RO	407	7%	165	49%	137	-8%	709
AP	104	18%	33	27%	29	-28%	166
AC	101	10%	34	3%	25	-14%	160
RR	79	14%	30	30%	22	-8%	131

Fonte: IBGE -Tabela 992. Adequação e cálculo de crescimento feitos pelo autor.

Na Tabela 6 observa-se o número de MPE de STSs por estado brasileiro e, em seguida, um comparativo entre a porcentagem de empresas de STSs e SICs por estado. Ao analisar os números, é possível observar que o estado do Tocantins, contrariando os demais índices da região Norte, possui a maior porcentagem de empresas de SICs (63,5%) quando comparado aos demais estados do país, enquanto o estado do Acre possui a menor porcentagem de empresas de SICs (17,6%).

Também é possível observar que todas as Unidades Federativas (UF) que compõem as regiões Sudeste e Centro-Oeste (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal) possuem um número de empresas de SICs superior às tradicionais. Em contrapartida, todos os estados que compõem o Nordeste do país possuem um número de empresas de SICs inferior ao de STS.

Tabela 6 - Análise das MPE de SIC x STS por Região Geográfica

UF	MPE de STS em 2015			Total MPE STS	Total MPE SIC	Total STS (%)	Total SIC (%)
	56.2 – ALIMEN	85.5 – APOEDU	85.9 – ESPOR				
SP	10036	11114	23051	44201	50065	46,9%	53,1%
MG	1879	6776	6532	15187	17452	46,5%	53,5%
RJ	2149	3473	5723	11345	13486	45,7%	54,3%
PR	1583	4567	5019	11169	11271	50,2%	49,8%
RS	1236	4835	3937	10008	11083	47%	53%
BA	832	5462	1791	8085	7627	51,5%	48,5%
SC	1033	2958	2767	6758	5458	55,3%	44,7%
CE	659	2955	1303	4917	4278	63,4%	36,6%
PE	590	2572	1144	4306	3161	59%	41%
GO	450	1734	1787	3971	3073	48,1%	51,9%
PA	292	2573	642	3507	2993	69%	31%
ES	400	1332	1119	2851	2834	48,1%	51,9%
DF	475	524	1466	2465	2378	43,8%	56,2%
MA	245	1553	545	2343	1743	67,6%	32,4%
MT	404	993	824	2221	1574	48,3%	51,7%
PB	178	1621	374	2173	1302	69,1%	30,9%
PI	127	1364	355	1846	1125	71,3%	28,7%
RN	284	1081	462	1827	970	58,4%	41,6%
MS	369	559	706	1634	909	48,4%	51,6%
AM	219	1023	266	1508	849	62,4%	37,6%
AL	207	876	303	1386	782	64,7%	45,3%
SE	143	495	278	916	755	53,9%	46,1%
RO	81	378	360	819	743	53,6%	46,4%
AC	36	638	75	749	709	82,4%	17,6%
AP	33	426	67	526	166	76%	24%
TO	83	96	308	487	160	36,5%	63,5%
RR	25	106	57	188	131	58,9%	41,1%

Fonte: IBGE -Tabela 992. Adequação e cálculo de porcentagem feitos pelo autor.

4.1.3 Comparação entre taxa de crescimento e número de empresas dos setores SICs nos estados

Através dos dados obtidos sobre o número de empresas e o cálculo realizado da taxa de crescimento dos setores SICs, cada estado foi classificado em função do seu tamanho (número de empresas SICs) e crescimento (taxa de crescimento das empresas com relação à mediana), especificamente, se o estado está abaixo ou acima da mediana. Os resultados encontram-se nas Tabelas 7, 8 e 9 a seguir.

Tabela 7 - Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Publicidade – 73.1

^ CRESCIMENTO	
Alto crescimento e baixo tamanho: AL, PI, RN, SE	Alto crescimento e alto tamanho: CE, ES, GO, MT, MS, MG, PR, PE, RS, SC
Baixo crescimento e baixo tamanho: AC, AP, AM, MA, PA, PB, RO, RR, TO	Baixo crescimento e alto tamanho: BA, DF, RJ, SP

TAMANHO >

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE.

Tabela 8 - Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Arquitetura – 71.1

^ CRESCIMENTO	
Alto crescimento e baixo tamanho: AL, AP, PB, PI, RO, RR, TO	Alto crescimento e alto tamanho: GO, MT, MS, PR, PE, RS, SC
Baixo crescimento e baixo tamanho: AC, AM, MA, PA, RN, SE	Baixo crescimento e alto tamanho: BA, CE, DF, ES, MG, RJ, SP

TAMANHO >

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE.

Tabela 9- Taxa de Crescimento x Empresas por Setor e por Região - Contabilidade – 69.9

^ CRESCIMENTO	
Alto crescimento e baixo tamanho: AL, AP, AM, MS, PB, PI, RN	Alto crescimento e alto tamanho: CE, GO, MT, MG, PA, PR, PE
Baixo crescimento e baixo tamanho: AC, MA, RO, RR, SE, TO	Baixo crescimento e alto tamanho: BA, DF, ES, RJ, RS, SC, SP

TAMANHO >

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE.

Tabela 10 - Estados com alto número de empresas e alto crescimento

UF	Setores SIC		
	69.2 – Cont.	71.1 – Arqui.	73.1 – Publi.
SP			
MG	X		X
RJ			
PR	X	X	X
RS		X	X
SC		X	X
BA			
GO	X	X	X
DF			
PE	X	X	X
CE	X		X
ES			X
MT	X	X	X
MS		X	X
PA	X		
RN			
PB			
MA			
SE			
PI			
AL			
TO			
AM			
RO			
AP			
AC			
RR			

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE.

Na Tabela 10 é possível observar os estados que possuem um elevado número de empresas comparados à média nacional e que apresentaram uma alta taxa de crescimento entre os anos de 2012 e 2015. Apenas os estados do Paraná, Goiás e Mato Grosso apresentaram bons indicadores de tamanho e crescimento nos três setores SIC selecionados para a análise. Entre os três estados com maior número de empresas, apenas Minas Gerais apresentou bons índices de crescimento em dois dos setores analisados, enquanto São Paulo e Rio de Janeiro obtiveram taxas de crescimento abaixo da média nacional. Das 27 UF analisadas, dezesseis apresentaram baixa taxa de crescimento em todos os setores analisados, sendo estas São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Distrito Federal, Rio Grande do Norte, Paraíba,

Maranhão, Sergipe, Paraíba, Alagoas, Tocantins, Amazonas, Rondônia, Amapá, Acre e Roraima.

4.1.4 Número de pessoas empregadas com e sem nível superior nos SIC e STS

As Tabelas 11 e 12 abaixo mostram uma comparação entre o número de pessoas empregadas com e sem nível superior em todos os setores analisados.

Tabela 11 - Pessoas empregadas com nível superior – Brasil (SIC)

Setores SIC	Nº empregados	Nº empregados com nível superior	% pessoas sem nível superior
69.2 – CONT	243.665	24,75%	75,25%
71.1 – ARQUI	78.426	23,21%	76,79%
73.1 – PUBLI	45.180	32,38%	67,62%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE – Tabela 992.

Tabela 12 - Pessoas empregadas com nível superior – Brasil (STS)

Setores STS	Nº empregados	Nº empregados com nível superior	% pessoas sem nível superior
56.2 – ALIMEN	88.674	4,29%	95,71%
85.5 – APOEDU	13.547	9%	91%
85.9 – ESPOR	201.426	26,23%	73,77%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do IBGE – Tabela 992.

4.2 Resultados Analíticos

Conforme descrito no item 3.6 dos procedimentos metodológicos, foram realizadas diversas análises que serão especificadas abaixo.

4.2.1 Distribuição das pessoas empregadas com nível superior

Foi realizado o teste do qui-quadrado utilizando-se das seguintes condições e cujos resultados são demonstrados no Quadro 5.

Variável: Distribuição de pessoas empregadas com nível superior

HA - Há diferença entre SIC e STS (nível superior)

HB - Não há diferença

Quadro 5 - Resultados do teste Qui-quadrado

SIC	STS	<i>p-value</i>	Resultado do teste de hipótese
69.2 – CONT	56.2 – ALIMEN	0,000	HA Não Rejeitada
71.1 – ARQUI	85.5 – APOEDU	0,000	HA Não Rejeitada
73.1 – PUBLI	85.9 – ESPOR	0,000	HA Não Rejeitada
69.2 – CONT	85.5 – APOEDU	0,000	HA Não Rejeitada
71.1 – ARQUI	56.2 – ALIMEN	0,000	HA Não Rejeitada
73.1 – PUBLI	85.9 – ESPOR	0,000	HA Não Rejeitada
69.2 – CONT	85.9 – ESPOR	0,000	HA Não Rejeitada
71.1 – ARQUI	85.5 – APOEDU	0,000	HA Não Rejeitada
73.1 – PUBLI	56.2 – ALIMEN	0,000	HA Não Rejeitada

Fonte: O autor.

Os resultados dos testes, ilustrados no Quadro 5, não rejeitaram a hipótese HA, que afirma que existe diferença entre pessoas empregadas com nível superior nos setores tradicionais e intensivos. Dessa forma, ao se analisar a *Hipótese 1*, definida no item 2.3.3, em conjunto com os dados presentes nas Tabelas 28, 29 e 30 do Anexo J, observa-se que a mesma também não é rejeitada, comprovando que as empresas de SICs tem porcentagem maior de pessoas empregadas com nível de educação superior em relação a empresas de STSs.

4.2.2 Premissas da Análise Multivariada

Abaixo os itens 4.2.2.1 a 4.2.2.3 irão tratar das premissas necessárias para a realização da análise multivariada. Serão analisados os *missing values* e *outliers* retirados da pesquisa e os testes diversos de normalidade, realizados com a finalidade de avaliar a distribuição normal dos dados.

4.2.2.1 *Missing Values e Outliers*

Os dados obtidos na JUCEMG foram analisados levando em conta todos os valores que, de alguma forma, não foram ou não puderam ser fornecidos, conhecidos no campo estatístico como *missing values*. No caso deste estudo, algumas empresas que não possuíam os dados completos para o cálculo da longevidade ou cujos dados não foram fornecidos foram excluídas da análise.

Foi realizada, ainda, uma identificação e análise dos dados que possuem alto grau de divergência dos demais, conhecidos como *outliers*. De acordo com Hair (2005), estas divergências podem ser causadas por alguma falha na entrada dos dados ou pelo resultado de um evento extraordinário. No caso deste estudo, os *outliers* foram analisados e excluídos da análise. Foram elaborados, através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), dezesseis diagramas em caixa para que fossem encontrados e, posteriormente, retirados todos os dados *outliers*, conforme exemplificado no Apêndice A.

Tabela 13 - Número de empresas obtidas, retiradas e analisadas

Setor	Nº empresas obtidas	Nº <i>missing values</i> e <i>outliers</i> retirados	Nº empresas a ser analisadas
69.2 – CONT	392	1	391
71.1 – ARQUI	130	11	119
73.1 – PUBLI	162	57	105
56.2 – ALIMEN	502	50	452
85.5 – APOEDU	26	0	26
85.9 – ESPOR	78	2	76

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da JUCEMG.

4.2.2.2 *Normalidade*

Com a finalidade de avaliar a distribuição normal dos dados, foram realizados os testes Kolmogorov-Smirnov em todos os setores selecionados. Por se tratar de um teste de alta rigorosidade, os índices de assimetria e curtose foram coletados nos setores cujo resultado do teste Kolmogorov foi negativo.

4.2.2.2.1 Kolmogorov-Smirnov

Como pode ser observado no Quadro 6 abaixo, apenas os setores APOEDU e ESPOR apresentaram resultados positivos no teste, com a retenção da hipótese nula. Os resultados obtidos nos testes Kolmogorov podem ser visualizados de forma mais detalhada nos Apêndices B e C, Figuras 4-9. Os testes foram realizados com nível de significância de 5%.

Variável: Distribuição da longevidade das empresas

HA – Distribuição da longevidade é normal

HB – Não é normal

Quadro 6 - Resultados do teste Kolmogorov

Setor	Resultado do Teste
STS - ALIMEN	HA Rejeitada
STS - APOEDU	HA Não Rejeitada
STS - ESPOR	HA Não Rejeitada
SIC - ARQUI	HA Rejeitada
SIC - CONT	HA Rejeitada
SIC - PUBLI	HA Rejeitada

Fonte: O autor.

4.2.2.2.2 Curtose e Assimetria

Conforme demonstrado no Quadro 6, o teste Kolmogorov-Smirnov possui um elevado nível de rigorosidade e rejeitou a maioria dos resultados. Em contrapartida, foram analisados os índices de assimetria e curtose. Segundo Souza Miguel e Ledur Brito (2010), para que não haja interferência na análise multivariada, os índices de assimetria não podem ultrapassar dois e os de curtose não devem ser maiores do que sete. Os resultados estão demonstrados na Tabela 14 e podem ser consultados de forma mais detalhada nos Apêndices B e C.

Tabela 14 - Índices de assimetria e curtose

Setor	Assimetria	Curtose
STS - ALIMEN	0,620	-0,450
SIC - ARQUI	1,007	0,198
SIC - CONT	0,452	-0,890
SIC - PUBLI	0,598	-0,325

Fonte: O autor.

De acordo com o resultado dos testes, pode-se assumir a hipótese de normalidade, pois tanto os índices de assimetria quanto os de curtose permitem concluir que não haverá interferência na análise multivariada.

4.2.2.3 Homocedasticidade (Teste de Levene)

Outra premissa necessária para as análises multivariadas é a homocedasticidade, para detecção do grau de dispersão das variâncias relacionadas à longevidade dos setores. Para este fim será utilizado o teste de Levene, realizado pelo *software* SPSS.

O teste de Levene foi rejeitado ao nível de significância de 5% em sete de quinze comparações, o que pode ter ocorrido devido à diferença do tamanho das amostras, conforme Hair *et al.* (2005). Nestes casos, conclui-se que as variâncias são diferentes nos dois grupos, uma vez que a significância associada ao teste é inferior a 0,05. Uma vez não assumida a homogeneidade das variâncias, serão utilizados os valores de Variâncias Iguais Não Assumidas no *teste t de student*, conforme descrito no item 4.2.3.

Quadro 7 - Resultados do teste de Levene para igualdade das variâncias

Tipo de Comparação	Setores SIC	Setores STS	<i>p-value</i>	Resultado do teste
SIC x STS	ARQUI	ALIMEN	0,000	Rejeitado
	ARQUI	APOEDU	0,000	Rejeitado
	ARQUI	ESPOR	0,000	Rejeitado
	CONT	ALIMEN	0,057	Não rejeitado
	CONT	APOEDU	0,082	Não rejeitado

	CONT	ESPOR	0,270	Não rejeitado
	PUBLI	ALIMEN	0,129	Não rejeitado
	PUBLI	APOEDU	0,224	Não rejeitado
	PUBLI	ESPOR	0,586	Não rejeitado
STS x STS		ALIMEN x APOEDU	0,029	Rejeitado
		ALIMEN x ESPOR	0,043	Rejeitado
		APOEDU x ESPOR	0,340	Não rejeitado
SIC x SIC	ARQUI x CONT		0,000	Rejeitado
	ARQUI x PUBLI		0,000	Rejeitado
	CONT x PUBLI		0,681	Não rejeitado

Fonte: O autor.

4.2.3 Comparação entre as médias de longevidade das empresas

Na Tabela 15, abaixo, são apresentados os dados sobre a longevidade das empresas, demonstrando a média e o desvio padrão da longevidade mensurada em dias e referentes aos seis setores analisados.

Tabela 15 - Média e desvio padrão da longevidade das empresas

Setor	SIC ou STS	Nº de empresas	Média da longevidade (dias)	Desvio padrão da longevidade (dias)
69.2 – CONT	SIC	391	1436,90	899,75
71.1 – ARQUI	SIC	119	2029,73	1702,30
73.1 – PUBLI	SIC	105	1655,14	930,08
56.2 – ALIMEN	STS	452	1370,53	985,36
85.5 – APOEDU	STS	26	1367,50	749,93
85.9 – ESPOR	STS	76	1666,39	847,46

Fonte: O autor.

Foram realizados testes *t de student* para comparar a médias e desvio padrão entre todos os setores. Os resultados de comparação das médias estão demonstrados no Quadro 8 e podem ser verificados de forma mais detalhada no Apêndice D.

Variável: Longevidade

HA - Há diferença na média da longevidade

HB – Não há diferença

Quadro 8 - Resultados dos testes *t de student* para comparação de médias

Tipo de Comparação	Setores SIC	Setores STS	Diferença entre as médias	<i>p-value</i>	Resultado do teste
SIC x STS	ARQUI	ALIMEN	659,20	0,000	HA Não Rejeitada
	ARQUI	APOEDU	662,23	0,003	HA Não Rejeitada
	ARQUI	ESPOR	363,34	0,050	HA Não Rejeitada
	CONT	ALIMEN	-66,36	0,310	HA Rejeitada
	CONT	APOEDU	69,40	0,655	HA Rejeitada
	CONT	ESPOR	229,49	0,041	HA Não Rejeitada
	PUBLI	ALIMEN	284,61	0,008	HA Não Rejeitada
	PUBLI	APOEDU	287,64	0,146	HA Rejeitada
	PUBLI	ESPOR	11,25	0,934	HA Rejeitada
STS x STS		ALIMEN x APOEDU	3,03	0,984	HA Rejeitada
		ALIMEN x ESPOR	295,86	0,007	HA Não Rejeitada
		APOEDU x ESPOR	298,89	0,114	HA Rejeitada
SIC x SIC	ARQUI x CONT		592,83	0,000	HA Não Rejeitada
	ARQUI x PUBLI		374,59	0,040	HA Não Rejeitada
	CONT x PUBLI		218,24	0,030	HA Não Rejeitada

Fonte: O autor.

Os resultados indicam que não existem diferenças entre as médias dos setores em seis das quinze comparações. Quanto às comparações entre SICs e STSs, que podem ser observadas nas nove primeiras linhas de comparações do Quadro 8, pode-se observar que não houve diferença na longevidade em quatro das nove comparações realizadas. O setor ARQUI possui longevidade maior do que os três setores STS, sendo o único setor que ficou em conformidade com a *Hipótese 2*. Já os setores CONT e PUBLI possuem longevidade maior do que apenas um setor STS cada. Este resultado aponta para uma rejeição da *Hipótese 2* descrita no item 2.4.3.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral elaborar um panorama das Micro e Pequenas Empresas (MPE) de alguns setores de Serviços Intensivos em Conhecimento (SIC) da cidade de Uberlândia, comparando sua longevidade com Setores Tradicionais de Serviço (STS). Enquanto desdobramentos, foram apresentados os seguintes objetivos específicos: comparar o número de pessoas ocupadas com nível superior nos SICs e nos STSs; elaborar um panorama descritivo dos SICs nos estados do Brasil e nas micro, pequenas, médias e grandes empresas brasileiras; comparar a longevidade de diferentes setores considerados SICs.

Para a realização dos testes e análises de resultados, foram estabelecidas duas hipóteses. A *Hipótese 1*, identificada no item 2.3.3, afirma que as empresas de SICs tem porcentagem maior de pessoas empregadas com nível de educação superior em relação a empresas de STSs. A *Hipótese 2*, identificada no item 2.4.3, afirma que as empresas de setores SIC têm uma longevidade maior do que empresas de setores STS.

Em resposta à *Hipótese 1*, as Tabelas 11 e 12 no item 4.1.4 demonstraram que os três setores SIC analisados possuem taxa de pessoal ocupado com nível superior acima de 20%, sendo que o setor SIC Agências de Publicidade possui a maior taxa entre todos os pesquisados (32,38%). Em contrapartida, os setores STS Serviços de Alimentação e Atividades de Apoio à Educação possuem taxa de pessoal ocupado com nível superior abaixo de 10%, sendo que a menor taxa entre todos os setores pesquisados é do setor Serviços de Alimentação (4,29%). Apenas o resultado do setor Ensino de Esportes contrapõe a *Hipótese 1*, tendo apresentado um índice de pessoal ocupado com nível superior acima de dois setores SIC (26,23%).

Foram realizados, ainda, testes Qui-quadrado para testar a diferença entre a distribuição de pessoas empregadas com nível superior nos setores SIC e STS. Os resultados dos testes, ilustrados no Quadro 5, item 4.2.1, demonstram que há diferença entre os setores intensivos e tradicionais, conforme afirmado na *Hipótese 1*. Este resultado corrobora com Freire (2006) no que diz respeito aos SICs utilizarem mão-de-obra mais qualificada em comparação com outros setores da economia.

Em resposta à *Hipótese 2*, que afirma que os Serviços Intensivos em Conhecimento (SICs) possuem taxa de longevidade superior à taxa de empresas de serviços considerados tradicionais, foram verificadas as médias e desvio padrão da

longevidade das empresas de cada um dos setores analisados. Estes resultados, conforme ilustrado na Tabela 15 e na Figura 4, demonstram que apenas o setor Serviços de Arquitetura apresentou-se com a média de longevidade acima de 2.000 dias, sendo que os demais setores apresentaram médias entre 1.300 e 1.700 dias.

Além disso, foram realizados testes *t de student* para comparar a médias e desvio padrão entre todos os setores. Os resultados, demonstrados no Quadro 8, afirmam que não há diferença de longevidade na comparação em seis das quinze comparações. Cabe ressaltar que os testes foram realizados comparando-se SICs com SICs, SICs com STSs e STSs com STSs. Comparando-se apenas SIC com STS, pode-se observar que não houve diferença na longevidade em quatro das nove comparações realizadas, sendo o setor Serviços de Arquitetura o único entre os SICs a possuir longevidade maior do que os três STSs analisados. Este resultado aponta para uma rejeição da *Hipótese 2* descrita no item 2.4.3. Esta rejeição pode ser um sinal de que a informação, o conhecimento e a inovação dos quais são reconhecidos como fontes primárias (MILES et al., 1995), não sejam suficientes por si só para influenciar a longevidade das empresas que compõem estes setores.

Os resultados obtidos através das análises descritivas dos dados do IBGE comprovaram a importância das MPEs na economia brasileira (SEBRAE, 2014) e sua elevada taxa de crescimento em comparação às MedGran, conforme demonstrado nas Tabelas 3 e 4. A Tabela 5, corroborando com Freire (2006) demonstra que o número de empresas de SICs é maior no estado de São Paulo, porém os SICs não apresentaram crescimento expressivo em todas as regiões, como identificado pelo autor. Na Tabela 6 pôde-se observar que todas as Unidades Federativas que compõem as regiões Sudeste e Centro-Oeste possuem um número de empresas de SICs superior às tradicionais. Em contrapartida, todos os estados que compõem o Nordeste do país possuem um número de SICs inferior ao de STSs.

Esta pesquisa abre portas para a realização de estudos futuros relacionados a outros setores e aos setores que tiveram baixos índices de crescimento. As análises referentes aos níveis de escolaridade podem ser abordadas de maneira mais profunda, incluindo outros níveis de escolaridade além do superior. Pode-se, ainda, desenvolver uma pesquisa com abordagem qualitativa envolvendo *outliers* que apresentaram taxa de longevidade muito superior à média das demais empresas, para que sejam investigadas as possíveis causas da divergência e se estas causas possuem relação com estratégias adotadas pelos empresários. Por fim, o estudo pode

ser replicado em outras localidades do Brasil e do mundo, para que se verifique sua validade e aplicabilidade.

Alguns problemas relacionados ao cenário das MPEs no Brasil, citados no item 2.1.2, podem vir a interferir diretamente nos números e análises de futuras pesquisas. Fatores internos das micro e pequenas empresas, como a participação de membros da família e a falta de profissionalização na gestão, podem comprometer os resultados e a própria sobrevivência das empresas. Outro ponto seriam os fatores externos, como o aumento da concorrência e a insuficiência de políticas públicas de apoio aos pequenos empresários. Além disso, o número de empresas inativas que não deram baixa, o enquadramento em setores que divergem da atividade principal real e a nova lei trabalhista também precisam ser observados para a realização de novos estudos sobre o tema.

5.1 Produto tecnológico da dissertação

Por fim, para atender à crescente necessidade de informações sobre os Serviços Intensivos em Conhecimento no Brasil, este trabalho propõe, enquanto produto tecnológico para aplicação prática de seu conteúdo, a utilização do Quadro 3, exposto no item 2.3.5, que trata da associação entre setores SICs e o CNAE 2.0. Esta associação, inexistente antes do presente estudo, pode ser aplicada em outras pesquisas que analisem os SICs no Brasil, de forma a manter a precisão entre as definições de SICs e CNAE.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Mauricio Henrique. A inovação como fator de crescimento de pequenos negócios. **XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**. Gramado/RS, v. 17, 2006.

BERNARDES, Roberto Carlos; ANDREASSI, Tales. Características das microempresas no setor de serviços produtivos intensivos em informação e conhecimento. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2005.

_____. (Orgs). **Inovação em serviços intensivos em conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. **Lei nº 123/2006, de 14 de dez. de 2006**. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis no 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei no 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar no 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis no 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. Brasília, 14 de dez. 2006.

BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, 13 de julho 2017.

BRITO, Eliane Pereira Zamith; BRITO, Luiz Artur Ledur; MORGANTI, Fábio. Inovação e o desempenho empresarial: lucro ou crescimento? **RAE-eletrônica**, v. 8, n. 1, p. 1, 2009.

BRITO; Eliane Pereira Zamith; BARGUIL, Francisco Elias. O Papel da Confiança na Coprodução em Serviços Intensivos em Conhecimento. **EnANPAD**, São Paulo, 2013.

CAJAÍBA DE OLIVEIRA, José Roberto; CASTRO SILVA, Wendel Alex; TAVARES ARAÚJO, Elisson Alberto. Longevidade empresarial e características empreendedoras: análise das MPE's da microrregião de Teófilo Otoni/Minas Gerais/Brasil. **Tourism & Management Studies**, Faro, Portugal, v. 9, n. 2, 2013.

COLLINS, James Charles; PORRAS, Jerry I. **Feitas para durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COMBS, James G.; RUSSELL CROOK, T.; SHOOK, Christopher L. The dimensionality of organizational performance and its implications for strategic management research. In: **Research methodology in strategy and management**. Emerald Group Publishing Limited: 2005. p. 259-286.

DALFOVO, Oscar; SCHARF, Edson Roberto; KRAMBECK, Greyce. A gestão do conhecimento em ambientes intensivos de conhecimento: as pequenas empresas incubadas de softwares. **JISTEM: Journal of Information Systems and Technology Management**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2009.

DA SILVA NÉTO, Ana Teresa; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Mensuração do grau de inovação de micro e pequenas empresas: estudo em empresas da cadeia têxtil-confeção em Sergipe. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 8, n. 3, p. 205-229, 2011.

DOS SANTOS, Antônio Raimundo. Metodologia científica: a construção do conhecimento, 2ª. edição. **Rio de Janeiro: DP&A Editora**, 1999.

DRUCKER, F. P. **Inovação e Espírito Empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneiras, 1986.

FARIAS FILHO, Milton C.; ARRUDA FILHO, Emílio J.M. **Planejamento da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2013.

FERNANDES PEREIRA, Mauricio *et al.* Fatores de inovação para a sobrevivência das micro e pequenas empresas no Brasil. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, v. 6, n. 1, 2009.

FERREIRA, Claudio Cesar. **Fatores de administração que interferem na longevidade de organizações do setor de móveis da região metropolitana de Curitiba-PR**. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curitiba, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2088/000314088.pdf>> Acesso em: 03 de out de 2017

FIGUEIREDO, Paulo N. Capacidade tecnológica e inovação em organizações de serviços intensivos em conhecimento: evidências de institutos de pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no Brasil. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 403-454, jul./dez. 2009.
<https://doi.org/10.20396/rbi.v5i2.8648935>

FISCHER, Bruno Brandão. On the contributions of knowledge-intensive business-services multinationals to laggard innovation systems. **BAR-Brazilian Administration Review**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 150-168, 2015.

FITZSIMMONS, James A.; FITZSIMMONS, Mona J. **Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia da informação**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

FLECK, Denise L. Archetypes of organizational success and failure. **BAR-Brazilian Administration Review**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 78-100, 2009.
<https://doi.org/10.1590/S1807-76922009000200002>

FREIRE, Carlos Torres. Um estudo sobre os serviços intensivos em conhecimento no Brasil. In: **NEGRI, J. A. de; KOBOTA, L. C. (Org.). Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil**. Brasília, IPEA, 2006, p. 107-132. cap. 4

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIMENEZ, Fernando AP et al. Estratégia em pequenas empresas: uma aplicação do modelo de Miles e Snow. **Revista de administração contemporânea**, v. 3, n. 2, p. 53-74, 1999.

GIMENEZ, Fernando AP. O estrategista na pequena empresa. **Maringá:[sn]**, 2000.

GIRARDI, Luiz Tadeu de Azevedo. **Inovação e criatividade nas pequenas e médias empresas**. Tese de Doutorado. Departamento de Administração da Escola de Administração do Estado de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002. Disponível em:
<<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3618/dissertacao.pdf>
> Acesso em: 10 de Abril de 2018.

GONÇALO, Cláudio Reis; BORGES, Maria de Lourdes. Organizações de saúde intensivas em conhecimento: um estudo no contexto de serviços de alta complexidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 449-461, 2010.
BENEDETTI, Mauricio Henrique. A inovação como fator de crescimento de pequenos negócios. XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica. Gramado/RS, v. 17, 2006.

BERNARDES, Roberto Carlos; ANDREASSI, Tales. Características das microempresas no setor de serviços produtivos intensivos em informação e conhecimento. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2005.

_____. (Orgs). **Inovação em serviços intensivos em conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2007.

BRASIL. Lei nº 123/2006, de 14 de dez. de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis no 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei no 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar no 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis no 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. Brasília, 14 de dez. 2006.

BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nos 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Brasília, 13 de julho 2017.

BRITO, Eliane Pereira Zamith; BRITO, Luiz Artur Ledur; MORGANTI, Fábio. Inovação e o desempenho empresarial: lucro ou crescimento? RAE-eletrônica, v. 8, n. 1, p. 1, 2009.

BRITO; Eliane Pereira Zamith; BARGUIL, Francisco Elias. O Papel da Confiança na Coprodução em Serviços Intensivos em Conhecimento. EnANPAD, São Paulo, 2013.

CAJAÍBA DE OLIVEIRA, José Roberto; CASTRO SILVA, Wendel Alex; TAVARES ARAÚJO, Elisson Alberto. Longevidade empresarial e características empreendedoras: análise das MPE's da microrregião de Teófilo Otoni/Minas Gerais/Brasil. Tourism & Management Studies, Faro, Portugal, v. 9, n. 2, 2013.

COLLINS, James Charles; PORRAS, Jerry I. Feitas para durar: práticas bem-sucedidas de empresas visionárias. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COMBS, James G.; RUSSELL CROOK, T.; SHOOK, Christopher L. The dimensionality of organizational performance and its implications for strategic management research. In: Research methodology in strategy and management. Emerald Group Publishing Limited: 2005. p. 259-286.

DALFOVO, Oscar; SCHARF, Edson Roberto; KRAMBECK, Greyce. A gestão do conhecimento em ambientes intensivos de conhecimento: as pequenas empresas incubadas de softwares. JISTEM: Journal of Information Systems and Technology Management, São Paulo, v. 6, n. 1, 2009.

Da Silva NÉTO, Ana Teresa; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Mensuração do grau de inovação de micro e pequenas empresas: estudo em empresas da cadeia têxtil-confecção em Sergipe. RAI Revista de Administração e Inovação, v. 8, n. 3, p. 205-229, 2011.

Dos SANTOS, Antônio Raimundo. Metodologia científica: a construção do conhecimento, 2ª. edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

Drucker, F. P. Inovação e Espírito Empreendedor: prática e princípios. São Paulo: Pioneiras, 1986.

Farias FILHO, Milton C.; ARRUDA FILHO, Emílio J.M. Planejamento da pesquisa científica. São Paulo: Atlas, 2013.

FERNANDES PEREIRA, Mauricio et al. Fatores de inovação para a sobrevivência das micro e pequenas empresas no Brasil. RAI-Revista de Administração e Inovação, v. 6, n. 1, 2009.

FERREIRA, Claudio Cesar. Fatores de administração que interferem na longevidade de organizações do setor de móveis da região metropolitana de Curitiba-PR. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curitiba, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2088/000314088.pdf>> Acesso em: 03 de out de 2017

FIGUEIREDO, Paulo N. Capacidade tecnológica e inovação em organizações de serviços intensivos em conhecimento: evidências de institutos de pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) no Brasil. *Revista Brasileira de Inovação*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 403-454, jul./dez. 2009.
<https://doi.org/10.20396/rbi.v5i2.8648935>

FISCHER, Bruno Brandão. On the contributions of knowledge-intensive business-services multinationals to laggard innovation systems. *BAR-Brazilian Administration Review*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 150-168, 2015.

FITZSIMMONS, James A.; FITZSIMMONS, Mona J. Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia da informação. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

FLECK, Denise L. Archetypes of organizational success and failure. *BAR-Brazilian Administration Review*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 78-100, 2009.
<https://doi.org/10.1590/S1807-76922009000200002>

FREIRE, Carlos Torres. Um estudo sobre os serviços intensivos em conhecimento no Brasil. In: NEGRI, J. A. de; KOBOTA, L. C. (Org.). *Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil*. Brasília, IPEA, 2006, p. 107-132. cap. 4

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GIMENEZ, Fernando AP et al. Estratégia em pequenas empresas: uma aplicação do modelo de Miles e Snow. *Revista de administração contemporânea*, v. 3, n. 2, p. 53-74, 1999.

GIMENEZ, Fernando AP. O estrategista na pequena empresa. Maringá:[sn], 2000.

GIRARDI, Luiz Tadeu de Azevedo. Inovação e criatividade nas pequenas e médias empresas. Tese de Doutorado. Departamento de Administração da Escola de Administração do Estado de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2002. Disponível em:
 <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3618/disseratacao.pdf>
 > Acesso em: 10 de Abril de 2018.

GONÇALO, Cláudio Reis; BORGES, Maria de Lourdes. Organizações de saúde intensivas em conhecimento: um estudo no contexto de serviços de alta complexidade. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 449-461, 2010.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000200020>

GRAZIADIO, Thaise. **Diagnóstico da capacidade tecnológica de PMES de setores tradicionais: relato de três casos da indústria de autopeças no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Administração) Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1496/000198143.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2017

GUIMARÃES, J. G. A.; MEIRELLES, D. S. Caracterização e localização das empresas de serviços tecnológicos intensivos em conhecimento no Brasil. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 503-519, 2014.
<https://doi.org/10.1590/S0104-530X2014005000010>

HAIR, Joseph F. *et al.* **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2005.

HERTOG den P. Knowledge-intensive business services as co-producers of innovation. **International Journal of Innovation Management**, Utrecht, The Netherlands, v. 4, n. 4, p. 491-528, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços - 2014**. Rio de Janeiro, v. 16, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estimativas populacionais dos municípios para 2017**. Disponível em:
<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html>> Acesso em: 31 de outubro de 2017.

JUNQUEIRA, Emanuel R. *et al.* Ciclo de Vida das Organizações: análise epistemológica e uma proposta de 5 estágios. **EnANPAD**, Rio de Janeiro, v. 32, 2008.

JUSTER, F. Thomas; SMITH, James P. Improving the Quality of Economic Data: Lessons from the HRS and AHEAD. **Journal of the American Statistical Association**, v. 92, n. 440, p. 1268-1278, 1997.
<https://doi.org/10.1080/01621459.1997.10473648>

KLEINKNECHT, Alfred; VAN MONTFORT, Kees; BROUWER, Erik. The non-trivial choice between innovation indicators. **Economics of Innovation and new technology**, v. 11, n. 2, p. 109-121, 2002.
<https://doi.org/10.1080/10438590210899>

KOTESKI, Marcos Antonio. As micro e pequenas empresas no contexto econômico brasileiro. **Revista FAE Business**, Curitiba, v. 8, p. 16-18, 2004.

KUBOTA, Luis Claudio. As KIBS e a inovação tecnológica das firmas de serviços. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 349-369, 2009.
<https://doi.org/10.1590/S0104-06182009000200005>

LEDUR BRITO, Luiz Artur; CARVALHO DE VASCONCELOS, Flávio. Desempenho das empresas brasileiras: efeitos ano, ramo de negócios e firma individual. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2005.

MILBRATZ, Thaise Caroline; GOMES, Giancarlo. Knowledge Intensive Business Services - KIBS e o papel da aprendizagem e da inovação no desempenho organizacional: estudo com empresas de arquitetura. **EnANPAD**, São Paulo, 2017.

MILES, Raymond E.; SNOW, Charles C. MEYER, Alan D.; COLEMAN, Henry J. Organizational strategy, structure, and process. **Academy of management review**, v. 3, n. 3, p. 546-562, 1978.

MILES, Ian; HUNTINK, Willem; BOUMAN, Mark. Knowledge-intensive business services: users, carriers and sources of innovation. **European Innovation Monitoring System (EIMS) Reports**, Manchester, 1995.

MILLER, Danny; FRIESEN, Peter H. A longitudinal study of the corporate life cycle. **Management Science**, v. 30, n. 10, p. 1161-1183, 1984.
<https://doi.org/10.1287/mnsc.30.10.1161>

MINTZBERG, Henry et al. Criando organizações eficazes. São Paulo: **Atlas**, 1995.

MONTUORI, L. A. Organizational longevity-Integrating systems thinking, learning and conceptual complexity. **Journal of organizational change management**, Tampa, Florida, v. 13, n. 1, p. 61-73, 2000.

MULLER, Emmanuel; DOLOREUX, David. What we should know about knowledge-intensive business services. **Technology in society**, Karlsruhe, Germany, v. 31, n. 1, p. 64-72, 2009.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO—OCDE. Manual de Oslo. Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. **Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**, 2005.

PADRÃO, Luís Carlos. **Fatores críticos de sucesso no desenvolvimento de produtos de empresas de base tecnológica incubadas**. 2011. Tese de Doutorado. Departamento de Administração da Escola de Administração do Estado de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8163/71070100694.pdf>> Acesso em: 22 de set de 2017

PAVITT, Keith. Sectoral patterns of technical change: towards a taxonomy and a theory. **Researchpolicy**, Brighton, v. 13, n. 6, p. 343-373, 1984.

PEREGRINO DE BRITO, Renata; LEDUR BRITO, Luiz Artur. Vantagem competitiva, criação de valor e seus efeitos sobre o desempenho. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 1, 2012.

PINHEIRO, Alessandro de Orlando; TIGRE, Paulo Bastos. Proposta de investigação sobre o uso de software no suporte à inovação em serviços. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 55, n. 5, p. 578-592, 2015.
<https://doi.org/10.1590/S0034-759020150509>

POWELL, Thomas C. Varieties of competitive parity. **Strategic Management Journal**, v. 24, n. 1, p. 61-86, 2003.

<https://doi.org/10.1002/smj.283>

PREFEITURA, DE UBERLÂNDIA. Banco de Dados Integrados do Município de Uberlândia. **Uberlândia: Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano**, 2015.

RICHARD, Pierre J. et al. Measuring organizational performance: Towards methodological best practice. **Journal of management**, v. 35, n. 3, p. 718-804, 2009.

<https://doi.org/10.1177/0149206308330560>

ROGERS, Everett M. **Diffusion of innovations**. Simon and Schuster, 2010.

RONNIE, J. et al. Knowledge Intensive Business Services (KIBS): bibliometric analysis and their different behaviors in the scientific literature Topic 16–Innovation and services. **RAI-Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 216-225, 2017.

<https://doi.org/10.1016/j.rai.2017.05.004>

SANTOS, Anselmo Luís dos; KREIN, José Dari; CALIXTRE, André Bojikian. **Micro e pequenas empresas**: mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2012.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. Brasília, 2013.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Participação das Micro e Pequenas Empresas na Economia Brasileira**. Brasília, Jul. 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa**: 2014. São Paulo: DIEESE, 2015.

SCHUMPETER, Joseph; BACKHAUS, Ursula. The theory of economic development. In: **Joseph Alois Schumpeter**. Springer, Boston, MA, 2003. p. 61-116.

SOUZA MIGUEL, Priscila Laczynski de; LEDUR BRITO, Luiz Artur. Antecedentes da gestão da cadeia de suprimentos: eles realmente existem? Estudo empírico no Brasil. **RAE-eletrônica**, v. 9, n. 2, 2010.

TEIXEIRA, Aurora AC; SANTOS, Lilian Cristina Bezerra dos. Innovation performance in service companies and KIBS vis-à-vis manufacturing: the relevance of absorptive capacity and openness. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 18, n. 59, p. 43-66, 2016.

VENKATRAMAN, Natarjan; RAMANUJAM, Vasudevan. Measurement of business performance in strategy research: A comparison of approaches. **Academy of management review**, Illinois, v. 11, n. 4, p. 801-814, 1986.

VIGNOCHI, Luciano; REIS GONÇALO, Cláudio; ROJAS LEZANA, Álvaro Guillermo. Como gestores hospitalares utilizam indicadores de desempenho? **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 54, n. 5, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - DIAGRAMAS EM CAIXA PARA ANÁLISE E RETIRADA DE OUTLIERS	73
APÊNDICE B - RESULTADOS DOS TESTES KOLMOGOROV, CURTOSE E ASSIMETRIA PARA OS SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS (STS).....	74
APÊNDICE C - RESULTADOS DOS TESTES KOLGOMOROV, CURTOSE E ASSIMETRIA PARA OS SETORES DE SERVIÇOS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO (SIC)	76
APÊNDICE D - RESULTADOS DOS TESTES T-STUDENT E LEVENE PARA COMPARAÇÃO DE MÉDIA E DESVIO PADRÃO ENTRE TODOS OS SETORES .	78

APÊNDICE A - DIAGRAMAS EM CAIXA PARA ANÁLISE E RETIRADA DE OUTLIERS

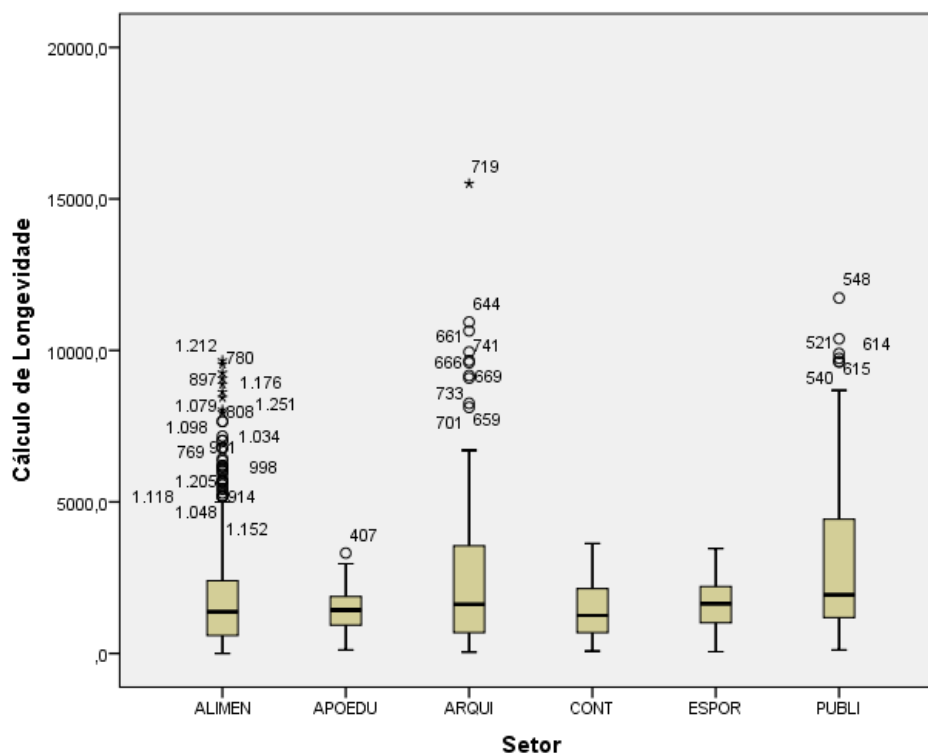


Gráfico A1 - Primeiro gráfico *boxplot* para análise e retirada de *outliers*.

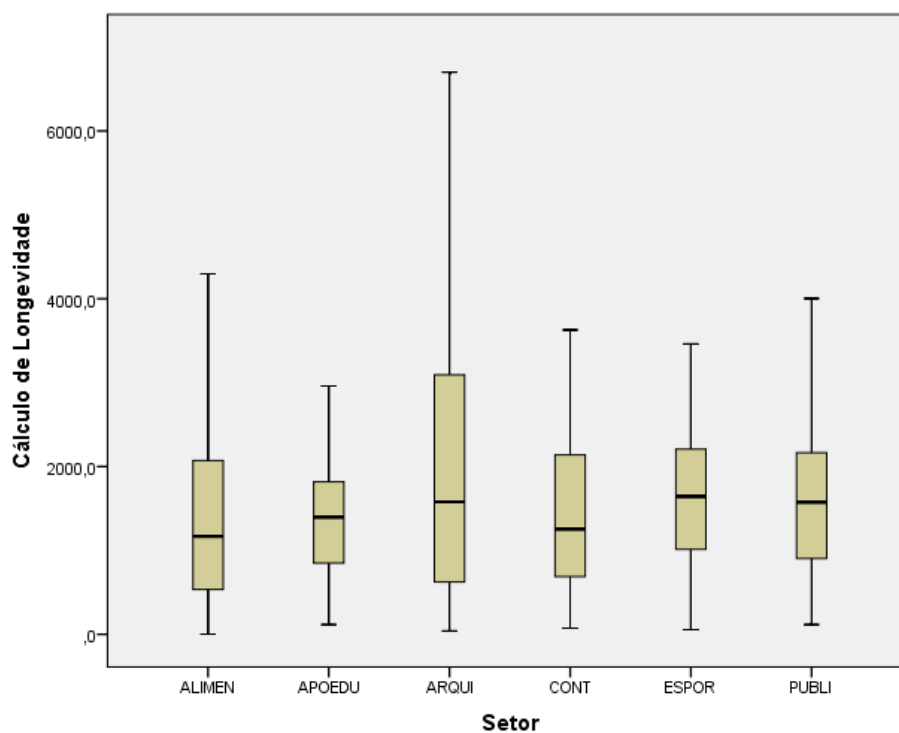


Gráfico A2 – Último (16º) gráfico *boxplot* para análise e retirada de *outliers*.

APÊNDICE B - RESULTADOS DOS TESTES KOLMOGOROV, CURTOSE E ASSIMETRIA PARA OS SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS (STS)

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 1.370,5 e desvio padrão 985,369	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

Figura B1 - Resultados do teste Kolmogorov para o setor ALIMEN retirados do software SPSS

Tabela B1 - Resultados dos testes de Curtose e Assimetria para o setor ALIMEN

Estatísticas Descritivas									
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria		Curtose	
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Cálculo de Longevidade	452	2,0	4298,0	1370,533	985,3692	,620	,115	-,450	,229
N válido (listwise)	452								

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 1.367,5 e desvio padrão 749,933	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,200 ^{1,2}	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

²Este é um limite inferior da significância verdadeira.

Figura B2 - Resultados dos testes Kolmogorov para o setor APOEDU retirados do software SPSS

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 1.666,4 e desvio padrão 847,465	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,200 ^{1,2}	Reter a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

²Este é um limite inferior da significância verdadeira.

Figura B3 - Resultados dos testes Kolmogorov para o setor ESPOR retirados do software SPSS

APÊNDICE C - RESULTADOS DOS TESTES KOLGOMOROV, CURTOSE E ASSIMETRIA PARA OS SETORES DE SERVIÇOS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO (SIC)

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 2.029,7 e desvio padrão 1.702,308	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

Figura C1 - Resultados dos testes Kolmogorov para o setor ARQUI retirados do software SPSS.

Tabela C1- Resultados dos testes de Curtose e Assimetria para o setor ARQUI

Estatísticas Descritivas									
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose		
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Cálculo de Longevidade	119	41,0	6700,0	2029,739	1702,3079	1,007	,222	,198	,440
N válido (listwise)	119								

Sumarização de Teste de Hipótese

	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 1.436,9 e desvio padrão 899,755	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,000 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

Figura C2 - Resultados dos testes Kolmogorov para o setor CONT retirados do software SPSS.

Tabela C2- Resultados dos testes de Curtose e Assimetria para o setor CONT

Estatísticas Descritivas									
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose		
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Cálculo de Longevidade	391	74,0	3629,0	1436,900	899,7549	,452	,123	-,890	,246
N válido (listwise)	391								

Agências de publicidade (PUBLI)

CNAE 7311-4/00

Sumarização de Teste de Hipótese				
	Hipótese nula	Teste	Sig.	Decisão
1	A distribuição de Cálculo de Longevidade é normal com média 1.655,1 e desvio padrão 930,082	Teste de Kolmogorov-Smirnov de uma amostra	,041 ¹	Rejeitar a hipótese nula.

São exibidas significâncias assintóticas. O nível de significância é ,05.

¹Lilliefors Corrigido

Figura C3 - Resultados dos testes Kolmogorov para o setor PUBLI retirados do software SPSS.

Tabela C3 - Resultados dos testes de Curtose e Assimetria para o setor PUBLI

Estatísticas Descritivas									
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose		
	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Estatística	Erro Padrão	Estatística	Erro Padrão
Cálculo de Longevidade	104	116,0	4002,0	1655,144	930,0825	,598	,237	-,325	,469
N válido (listwise)	104								

APÊNDICE D - RESULTADOS DOS TESTES T-STUDENT E LEVENE PARA COMPARAÇÃO DE MÉDIA E DESVIO PADRÃO ENTRE TODOS OS SETORES

ALIMEN X APOEDU

Estatísticas de grupo

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ALIMEN	452	1370,533	985,3692	46,3479
	APOEDU	26	1367,500	749,9325	147,0739

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	4,790	,029	,015	476	,988	3,0332	196,5189	383,1187	389,1850
	Variâncias iguais não assumidas			,020	30,195	,984	3,0332	154,2039	311,8078	317,8741

ALIMEN X ARQUI

Estatísticas de grupo

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ALIMEN	452	1370,533	985,3692	46,3479
	ARQUI	119	2029,739	1702,3079	156,0503

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	71,270	,000	5,465	569	,000	659,2063	120,6212	896,1235	422,2891
	Variâncias iguais não assumidas			4,049	139,452	,000	659,2063	162,7877	981,0573	337,3553

ALIMEN X CONT**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ALIMEN	452	1370,533	985,3692	46,3479
	CONT	391	1436,900	899,7549	45,5026

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
						Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		F	Sig.	t	gl				Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	3,628	,057	1,015	841	,310	-66,3671	65,3787	194,6917	61,9576
	Variâncias iguais não assumidas			1,022	838,530	,307	-66,3671	64,9508	193,8523	61,1182

ALIMEN X ESPOR**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ALIMEN	452	1370,533	985,3692	46,3479
	ESPOR	76	1666,395	847,4654	97,2110

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
						Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		F	Sig.	t	gl				Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	4,133	,043	2,468	526	,014	295,8616	119,8744	531,3530	60,3701
	Variâncias iguais não assumidas			2,747	112,010	,007	295,8616	107,6944	509,2441	82,4790

ALIMEN X PUBLI**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ALIMEN	452	1370,533	985,3692	46,3479
	PUBLI	104	1655,144	930,0825	91,2021

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	2,314	,129	2,683	554	,008	284,6110	106,0723	492,9641	76,2580
	Variâncias iguais não assumidas			2,782	160,624	,006	284,6110	102,3032	486,6438	82,5783

APOEDU X ESPOR**Group Statistics**

	Setor	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Cálculo de Longevidade	ESPOR	76	1666,39	847,465	97,211
	APOEDU	26	1367,50	749,933	147,074

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Cálculo de Longevidade	Equal variances assumed	,919	,340	1,596	100	,114	298,895	187,250	72,603	670,393
	Equal variances not assumed			1,695	48,528	,096	298,895	176,297	55,475	653,264

APOEDU X PUBLI**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	APOEDU	26	1367,500	749,9325	147,0739
	PUBLI	104	1655,144	930,0825	91,2021

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	1,495	,224	1,461	128	,146	287,6442	196,8430	677,1318	101,8433
	Variâncias iguais não assumidas			1,662	46,263	,103	287,6442	173,0565	635,9354	60,6469

ARQUI X APOEDU**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ARQUI	119	2029,739	1702,3079	156,0503
	APOEDU	26	1367,500	749,9325	147,0739

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	16,324	,000	1,939	143	,054	662,2395	341,5740	-12,9472	1337,4262
	Variâncias iguais não assumidas			3,088	89,060	,003	662,2395	214,4351	236,1655	1088,3135

ARQUI X CONT**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ARQUI	119	2029,739	1702,3079	156,0503
	CONT	391	1436,900	899,7549	45,5026

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	92,127	,000	4,977	508	,000	592,8392	119,1233	358,8042	826,8743
	Variâncias iguais não assumidas			3,647	138,616	,000	592,8392	162,5490	271,4431	914,2354

ARQUI X ESPOR**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ARQUI	119	2029,739	1702,3079	156,0503
	ESPOR	76	1666,395	847,4654	97,2110

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	33,271	,000	1,728	193	,086	363,3448	210,2822	51,4015	778,0910
	Variâncias iguais não assumidas			1,976	183,804	,050	363,3448	183,8523	,6125	726,0770

ARQUI X PUBLI**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ARQUI	119	2029,739	1702,3079	156,0503
	PUBLI	104	1655,144	930,0825	91,2021

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	35,928	,000	1,998	221	,047	374,5953	187,4686	5,1404	744,0501
	Variâncias iguais não assumidas			2,072	187,338	,040	374,5953	180,7471	18,0340	731,1565

CONT X APOEDU**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	CONT	391	1436,900	899,7549	45,5026
	APOEDU	26	1367,500	749,9325	147,0739

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	3,032	,082	,384	415	,701	69,4003	180,5453	285,4971	424,2976
	Variâncias iguais não assumidas			,451	29,997	,655	69,4003	153,9520	245,0127	383,8132

CONT X ESPOR**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	CONT	391	1436,900	899,7549	45,5026
	ESPOR	76	1666,395	847,4654	97,2110

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	1,218	,270	2,053	465	,041	229,4945	111,7631	449,1178	-9,8712
	Variâncias iguais não assumidas			2,138	110,446	,035	229,4945	107,3334	442,1945	16,7945

CONT X PUBLI**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	CONT	391	1436,900	899,7549	45,5026
	PUBLI	104	1655,144	930,0825	91,2021

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	,169	,681	2,183	493	,030	218,2440	99,9792	414,6818	21,8061
	Variâncias iguais não assumidas			2,141	158,073	,034	218,2440	101,9230	419,5506	16,9373

ESPOR X PUBLI**Estatísticas de grupo**

	Setor	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão da Média
Cálculo de Longevidade	ESPOR	76	1666,395	847,4654	97,2110
	PUBLI	104	1655,144	930,0825	91,2021


Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
		F	Sig.	t	gl	Sig. (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Cálculo de Longevidade	Variâncias iguais assumidas	,298	,586	,083	178	,934	11,2505	135,2440	- 255,6375	278,1385
	Variâncias iguais não assumidas			,084	169,509	,933	11,2505	133,2959	- 251,8832	274,3843

ANEXOS

ANEXO A - MODELO DE REQUERIMENTO DE INFORMAÇÕES NA JUCEMG....	87
ANEXO B - EXEMPLO DE PLANILHA DE DADOS FORNECIDOS PELA JUCEMG REFERENTES AO SETOR PÚBLICO	88
ANEXO C - EXEMPLO DE PLANILHA DE DADOS FORNECIDOS PELA JUCEMG COM MODIFICAÇÕES PARA CÁLCULO DE LONGEVIDADE	92
ANEXO D - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2012.....	95
ANEXO E - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015	98
ANEXO F - NÚMERO DE MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2012.....	101
ANEXO G - NÚMERO DE MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015	104
ANEXO H - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2012	107
ANEXO I - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015.....	110
ANEXO J - PESSOAL OCUPADO COM E SEM NÍVEL SUPERIOR COMPLETO NOS SEIS SETORES ANALISADOS (SICS E STSS) NO BRASIL EM 2015.....	113

ANEXO A - MODELO DE REQUERIMENTO DE INFORMAÇÕES NA JUCEMG

 JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS Fl.: 1/2 Rua Sergipe, 64 – CEP 30.130.170 – Belo Horizonte – Minas Geras	
VENDA DE INFORMAÇÕES DO CADASTRO DE EMPRESAS MERCANTIS	
REQUERENTE: DANIEL SOBREIRA	CNPJ: 068.012.156-04 Solicitado em: 21 / 03 / 2017
Logradouro: R. PIAUÍ, 2480 CEP: 38405-244 Telefone: 34 99964-4261 e-mail: sobreira.daniel@gmail.com	Bairro: CUSTÓDIO PEREIRA Município: UBERLÂNDIA
Observações Gerais: <ul style="list-style-type: none"> • Todo o processo de Venda de Informação é na Sede da Jucemg, através do e-mail: listagem@jucemg.mg.gov.br; • Vája no site: www.jucemg.mg.gov.br - Orientações básicas e Tabela de Preço - Informações - item 30 (Tabela de Preços - item 21); • O preenchimento do requerimento é obrigatório e de inteira responsabilidade do usuário. O Emissor do requerimento para o e-mail listagem@jucemg.mg.gov.br. De posse do requerimento, enviaremos o DAE preliminar referente ao quantitativo apurado, que é necessário para o cálculo do valor total do serviço a ser prestado, conforme as informações das Zonas 2 e 3; • Confirmado o pagamento do DAE preliminar enviaremos para o e-mail informado no requerimento o quantitativo apurado. O solicitante deverá manifestar o interesse em adquirir o arquivo para emissão do DAE complementar, conforme Tabela de Preço; • O arquivo ficará à disposição no nosso banco de dados até 30 dias corridos, a contar da data de envio do quantitativo. Após esta data, não sendo manifestado pelo solicitante o interesse em adquirir o arquivo com o dados, ou não efetuado o pagamento do DAE complementar, o processo será considerado finalizado pela Jucemg; • Das pesquisas solicitadas, caso não haja após sua realização todos os dados, é porque a JUCEMG não os possui, portanto, a pesquisa não sofrerá alteração em seu valor, ou seja, o valor cobrado não será restancido. 	
Descrição do Pedido (Assinalar itens 2 ou 3 para pesquisa – observação o item 1 é obrigatório e já está marcado) <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <input checked="" type="checkbox"/> Item 1 - Quantitativos de Registros: consulta para quantificar número de registros para cálculo total do serviço;</div> <div style="width: 45%; text-align: center;"> OU </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> Item 2 - Informações Completas: Nire; tipo documento; nome empresarial; porte (ME/EPP); endereço completo; capital social (podendo estar sem expressão monetária e desatualizada); data do início de atividade; CNPJ (quando disponível); data de deferimento do último documento arquivado; objeto social codificado (CNAE); data da constituição da empresa e CNPJ atualizado. Tipos de Arquivos: <input type="checkbox"/> *.txt <input type="checkbox"/> *.pdf </div> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> Item 3 - Relatório personalizado: (Tipo de arquivo: *.xls): Acima de 5 itens assinalados, usar o item 2 - Informações Completas. </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> NIRE <input type="checkbox"/> Email (quando disponível) <input type="checkbox"/> Data Início das Atividades <input type="checkbox"/> Objeto Social Codificado (CNAE) </div> <div style="width: 45%;"> <input checked="" type="checkbox"/> Nome Empresarial <input type="checkbox"/> Capital Social (podendo estar sem expressão monetária e desatualizada) <input checked="" type="checkbox"/> CNPJ (quando disponível) <input type="checkbox"/> Data de Constituição Obs.: Telefone não é item de pesquisa. </div> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> Endereço Completo <input type="checkbox"/> Data Deferimento Último Documento <input type="checkbox"/> Tipo do Documento (ATO) <input type="checkbox"/> Porte da Empresa </div> </div>	
Período de pesquisa: ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____ <input checked="" type="checkbox"/> Últimos 10 anos	
Atos: <input checked="" type="checkbox"/> Constitutivos <input type="checkbox"/> Modificativos <input checked="" type="checkbox"/> Extintivos	
Empresas: <input checked="" type="checkbox"/> Ativas <input checked="" type="checkbox"/> Extintas	
Tipos Jurídicos: <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> Empresário Individual <input type="checkbox"/> MEI <input type="checkbox"/> Sociedade Anônima <input type="checkbox"/> Cooperativa </div> <div style="width: 45%;"> <input type="checkbox"/> Sociedade Empresária Ltda <input type="checkbox"/> Eireli <input type="checkbox"/> Outros Tipos <input checked="" type="checkbox"/> Todos os tipos </div> </div>	
Portes: <input checked="" type="checkbox"/> ME (Micro Empresa) <input checked="" type="checkbox"/> EPP (Empresa de Pequeno Porte) <input type="checkbox"/> Enquadramento sem ME <input type="checkbox"/> Enquadramento sem EPP <input type="checkbox"/> Todos os portes	
Listar no máximo: _____ empresas.	
Ramos de Atividades - CNAE <input type="checkbox"/> Com quaisquer ramos de atividade <input checked="" type="checkbox"/> Informar a(s) atividade(s): Conforme CNAE (versão atualizada) site: www.cnae.ibge.gov.br (7 dígitos / sub-classes 2.1. EX: 3329-5/01. Acima de 10 atividades, relacionar no bloco de notas e enviar o arquivo (em formato *.txt) para o e-mail: listagem@jucemg.mg.gov.br (não dar espaço entre as linhas e números);	
7311-4/00	
Municípios <input type="checkbox"/> Grande BH <input type="checkbox"/> Todos os municípios de MG <input checked="" type="checkbox"/> Selecionar o(s) município(s): - acima de 10 municípios, digitar no bloco de notas e enviar o arquivo (em formato *.txt) para o e-mail: listagem@jucemg.mg.gov.br (não dar espaço entre as linhas, não colocar acentos)	
UBERLÂNDIA	
Preenchimento pela Jucemg: 1º DAE preliminar nº: _____ R\$ _____ Em: ____ / ____ / ____ Pagamento efetuado: ____ / ____ / ____ Quantitativo em: ____ / ____ / ____ 2º DAE complementar nº: _____ R\$ _____ Em: ____ / ____ / ____ Pagamento efetuado: ____ / ____ / ____ Arquivo / liberado em: ____ / ____ / ____	
Contato: listagem@jucemg.mg.gov.br - Tels.: (31) 3235.2434 – 2378 – 2388 (GPST)	

ANEXO B - EXEMPLO DE PLANILHA DE DADOS FORNECIDOS PELA JUCEMG REFERENTES AO SETOR PUBLI

EMPRESAS ATIVAS: NOME EMPRESARIAL	CNPJ
KNOW HOW COMUNICACAO LTDA -ME	02597937000111
LADO B EMPREENDIMENTOS LTDA -ME	11887570000161
LEANDRO MATA DE SOUZA 05502966623 - ME	17462976000189
LM MARKETING LTDA	19827760000103
LOURIVAL DIAS -ME	25377623000109
LUIS MARIO DE ALMEIDA MOURA -ME	12855445000132
L'UNIC COMUNICACAO LTDA -ME	14867918000147
M.A SERVICOS E CONSULTORIA LTDA EPP	11367479000115
MAGOO MULTIMIDIA PUBLICIDADE E PRODUcoes LTDA -ME	07456519000128
MAORI PROPAGANDA LTDA - ME	23075317000192
MB COMUNICACAO LTDA -ME	12079295000112
MIDIA TOTAL COMUNICACAO VISUAL LTDA -ME	01362492000128
MIDIAMARKETING COMUNICACAO E PROPAGANDA LTDA -ME	08212692000143
MULTIPLICA PROPAGANDA E MARKETING LTDA -ME	02771492000144
MULTIPLLUS ENTRETENIMENTOS EIRELI - EPP	17706909000162
NEOPUNTO SOLUCOES INTERATIVAS LTDA ME	07638924000167
NEWDATA INFORMATICA E SISTEMAS LTDA ME	24661019000147
ORGANIZACAO MARCOS EMANUEL LTDA - ME	18801747000104
OVNI PUBLICIDADE E PROPAGANDA LTDA -ME	06929551000110
PAISAGEM AMBIENTAL LTDA - EPP	05561053000103
PANDORA ARTESANATOS E ARTES LTDA ME	10965450000172
PAQUA PROMOCOES E PRODUcoes ARTISTICAS LTDA - ME	20792860000112
PASSARELLA MARKETING E PROMOCOES LTDA -ME	11515028000188
PC PROPAGANDA & EVENTOS LTDA ME	86641339000192
PEDRO PAULO PERRONI DA SILVA ME	01955100000134
PEDROSA PROMOCOES E EVENTOS LTDA - ME	17467349000130
PLAY MUSIC EVENTOS LTDA - ME	11108583000195
POOL COMUNICACAO E MARKETING LTDA -ME	01628386000143
PSE EQUIPAMENTOS RODOVIARIOS LTDA -ME	04744814000191
PUBLICITARIOS ASSOCIADOS LTDA. - EPP	04267272000103
QUANTA PROPAGANDA LTDA -ME	02396402000182
R & B PROPAGANDA E MERCADO LTDA -EPP	64474711000180
RFREITAS PUBLICIDADE EIRELI -ME	03922222000150
SAMUEL FERREIRA MOREIRA - CPF 068.101.326-51 -ME	07364639000103
SEGUNDAMAONET COMERCIO ONLINE LTDA -ME	11003023000176
SKN PUBLICIDADE E MARKETING LTDA ME	05141813000115
STARTS LUMINOSOS LTDA -ME	04645203000196
STRATTEGY COMUNICACAO LTDA -EPP	15032726000183
SUSTHENTA INOVACAO EM COMUNICACAO E SUSTENTABILIDADE LTDA - EPP	17221353000114

TAILOR COMUNICACAO LTDA - ME	20400970000191
THIAGO REIS DESIGN E PROPAGANDA LTDA -ME	12394283000182
UAIMOBILE COMUNICACAO, INFORMATICA E REPRESENTACAO LTDA - ME	17570799000154
UNI DESIGN LTDA -ME	03593235000122
VASCO GUIMARAES ALVES -ME	07735583000148
VITAL PARREIRA COMUNICACAO & MARKETING LTDA - ME	17081327000138
WE MOBILE COMUNICACOES EIRELI - ME	25529395000145
X IDEA MARKETING DIGITAL LTDA - ME	18777893000141
YELLOW MONKEY COMUNICACAO LTDA - ME	14587148000189
YORK DIGITAL COMUNICACAO LTDA - ME	21005220000188
2ML EDITORACAO GRAFICA LTDA-ME	04021944000104
AGENCIA Q9 CONSULTORIA EM COMUNICACAO LTDA - ME	20384900000197
AGENCIA RUMIN PRODUCOES & MARKETING LTDA -ME	05350461000108
AGRO COMUNICACAO LTDA -EPP	05416328000107
AGS PUBLICIDADE E ASSESSORIA LTDA -ME	65360430000160
ALFRAM PUBLICIDADE PROMOCOES E GRAVACOES LTDA -ME	71478473000147
AMPLIFY COMUNICACAO LTDA - ME	18081466000124
ART MAX NEGOCIOS IMOBILIARIOS EIRELI - ME	19202276000180
BOA SORTE GESTAO E LICENCAS LTDA -EPP	13244902000115
BSB CAPITAL CORRETORA DE SEGUROS LTDA - ME	64452451000142
C M M COMUNICACAO LTDA -ME	00860595000155
CERRADO INOVACOES LTDA - EPP	15149331000165
CLICK LOCAL PUBLICIDADE EIRELI - ME	05622184000145
CONTORNO PROJETOS E ACOES LTDA -EPP	10218205000100
CRIATIVA SERVICOS E PUBLICIDADES LTDA -EPP	21164066000197
DC MARTINS EVENTOS E PROMOCOES - ME	17573089000188
DENARDI & RIBEIRO MIDIA INTERATIVA LTDA -ME	08578199000141
DEOZS DESIGN & PROPAGANDA LTDA-ME	04640765000147
DIFERI COMUNICACAO LTDA -EPP	05815739000175
DS PROPAGANDA LTDA -ME	10294608000120
ENFOCO PUBLICIDADES LTDA -ME	07530316000134
FALA BRASIL COMUNICACOES LTDA -ME	07675711000105
FIALHO MARKETING INTEGRADO LTDA - ME	23172872000132
FLUIR MARKETING ESPORTIVO LTDA - ME	18819767000102
FREITAS & PIO SOLUCOES E ENTRETENIMENTO LTDA ME	10349643000107
GARCIA NAUFEL COMUNICACAO LIMITADA -ME	11508237000102
GESTORES DE MIDIA BRASIL CENTRAL LTDA - ME	10301288000198
GL PUBLICIDADE LTDA -ME	03292328000117
HIP COMUNICACAO E PLANEJAMENTO ESTRATEGICO LTDA -ME	07572799000130
IMPACTO VISUAL PUBLICIDADE LTDA -ME	07096430000106
INTELLIGENTSIA & ATTITUDE COMUNICACAO LTDA -EPP	03176905000105
INTERSIGN COMUNICACAO E ARTE LTDA -ME	01387629000107
INTERURAL INTERMEDIACOES EM AGRONEGOCIOS LTDA -ME	09039117000153
IPRP IMAGEM PRODUCOES LTDA -ME	15658620000190
KEIRETSU SUSHI BAR FRANCHISING EIRELI - EPP	19363306000130

AGM COMUNICACAO EMPRESARIAL LTDA -ME	08688433000193
RIACHO DOCE LUMINOSOS E TRANSPORTES LTDA-ME	05416018000192
UMEGA GRAVACOES LTDA -ME	08829030000117
LAUDO DIVULGACAO DE IMAGEM LTDA. - ME	26172400000178
LEOBALDO NAVES PRADO JUNIOR - ME	22452872000123
L.F. DA SILVA - COMUNICACAO E MARKETING - ME	23075190000101
NAPOLEAO ALVES NETO - ME	26764390000160
ON CULTURA DIGITAL LTDA - ME	26667422000109
P H TAVARES - ME	22597664000112
PRODUTOFINAL COMUNICACAO MULTIMEIOS LTDA - ME	04181815000175
QG MARKETING COMUNICACAO PUBLICIDADE E SERVICOS EIRELI - ME	27213451000163
ROBSON DIAS RUMIN - ME	14191850000129
RODRIGO MACEDO REPRESENTACOES LTDA - ME	22997717000192
ROGERIO FERREIRA BORGES - ME	24244389000189
S D R DA COSTA BOCARDI - ME	26314728000181
SETMAP SISTEMA ESPECIFICO DE TREINAMENTOS LTDA - ME	23557629000132
TARGET MIDIA PUBLICIDADE EIRELI - ME	17743343000149
TARGET MINAS PUBLICIDADE E REPRESENTACOES LTDA -ME	10626675000102
THAIS ALVES DE FARIA -ME	15015525000178
THIAGO FERNANDES MACEDO - ME	24028859000177
YAYA MIDIA LTDA - ME	22439241000174
AGENCIA MAKE DIGITAL LTDA - ME	23846523000159
AGENCIA R8 MARKETING DIGITAL LTDA - ME	17413585000174
APARECIDA DONIZETE MOISES -ME	
BRAND PUBLICIDADE EIRELI - ME	26599487000164
CM REPRESENTACOES LTDA - ME	22971453000106
CVV CARTAO DE VISITAS VIRTUAL EIRELI - ME	22439243000163
DIVULGAR MARKETING E PUBLICIDADE LTDA -ME	15008562000159
EVENTS AGENCIA DE FORMATURAS EIRELI - ME	24404368000183
FABRICA DE EVENTOS LTDA - ME	19139090000124
FIBBRA SERVICOS EM PUBLICIDADE E WEB LTDA -ME	15442128000182
FIDELIS PROPAGANDA LTDA -ME	10893026000160
GLAUBER LEMES PRODUCOES LTDA -ME	10266696000156
IC COMUNICACOES E PRODUCOES ARTISTICAS LTDA - ME	22209483000171
INNOVARE PUBLICIDADE E MARKETING LTDA - ME	17128407000100
LIBRE PROPAGANDA ASSESSORIA E MARKETING LTDA - EPP	11564404000124
LOCAMARKETING LOCACOES LTDA - EPP	05600451000183
META PRODUCOES E PROMOCOES ARTISTICAS EIRELI - EPP	16927745000130
MK DISTRIBUICAO E SERVICOS EIRELI - EPP	23435051000141
MOMENTOS EDITORA LTDA - EPP	22818658000148
PILAR PRODUCOES E PROMOCOES ARTISTICAS EIRELI - EPP	16942587000198
PLENA PRODUCOES EIRELI - EPP	22493245000130
PODIUM PRODUCOES ARTISTICAS EIRELI - EPP	27157556000142
REALIZA PROPAGANDA E MARKETING LTDA - EPP	18423714000178
SANGE GESTAO DE MARCAS LTDA - EPP	20789215000140

W&N PROMOCOES E PRODUCOES ARTISTICAS LTDA - EPP	20464656000172
AMIGUINHOS PROMOCOES E PRODUCOES ARTISTICAS LTDA - EPP	21197752000164
AUDIENCE MIDIA LTDA -EPP	15404480000123
BLUES COMUNICACAO EIRELI - EPP	06024403000157
ESTRUTURA NEGOCIOS IMOBILIARIOS LTDA - EPP	17033835000140
RETHA PRODUCAO E PROPAGANDA LTDA -ME	04397109000165
ENGENHO & ARTE COMUNICACAO LTDA-ME	00429785000112
IMAGEM VIRTUAL PRODUCAO DE VIDEOS LTDA -ME	01119453000102
ACAO PROPAGANDA & COMUNICACAO LTDA -ME	65381352000180
EMPRESAS EXTINTAS:	
MADRUGA PROPAGANDA E EDITORA LTDA -EPP	23245673000107
NOVA ERA PROMOCOES E PRODUCOES ARTISTICAS LTDA -EPP	13475495000157
PROMOMINAS PROMOCOES E PRODUCOES ARTISTICAS LTDA -EPP	13416973000158
RCE PROPAGANDA LTDA -ME	01979785000159
SAMPAIO COMUNICACAO LTDA - EPP	20353696000147
SERVEME SERVICOS E COMERCIO ELETRONICO LTDA -ME	13924285000107
SLIDEKNOMICS TREINAMENTO E CONSULTORIA LTDA -ME	14529922000103
SOLE COMUNICACAO E SERVICOS LTDA - ME	17673292000126
SUELLEN BARBOSA MEDEIROS NOGUEIRA -ME	05362047000119
SUN COMUNICACAO, PUBLICIDADE E MARKETING LTDA - ME	17784861000100
TATO COMUNICACAO MERCADOLOGICA LTDA -ME	07582383000100
TWA ADMINISTRADORA DE NEGOCIOS E COMUNICACOES LTDA - ME	11403515000159
VALDEMAR DA CUNHA ALVES - ME	18387701000190
3 PROPAGANDA, PUBLICIDADE E MARKETING LTDA -ME	15626694000144
BALI MARKETING LTDA -ME	06058808000106
CARLOS FERNANDES PUBLICIDADE & EVENTOS LTDA -ME	09174417000145
CPE CENTRAL DE PRODUCOES E EVENTOS LTDA -ME	04711169000100
DOIS PONTOS CONSULTORIA PROJETOS E PROMOCOES CULTURAIS LTDA -ME	00706548000151
E A SERVICOS WEB LTDA -ME	11148080000143
EDITORIA CORPORIS LTDA -EPP	15436393000158
FLUP AGENCIA DE SOLUCOES LTDA - ME	23200253000104
F.R. PROMOTORA E AGENCIADORA LTDA -ME	03350988000107
FRANCK COSTA PROPAGANDA E MARKETING LTDA -ME	08740345000193
HELP SOLUCOES CONSULTORIA LTDA - ME	23871563000150

ANEXO C - EXEMPLO DE PLANILHA DE DADOS FORNECIDOS PELA JUCEMG COM MODIFICAÇÕES PARA CÁLCULO DE LONGEVIDADE

REFERENTES AO SETOR ESPOR

NOME	CNPJ	DATA ABERTURA	DATA LONGEVIDADE	LONGEVIDADE	ATIVA
A. SOARES DE OLIVEIRA - ME	20329498000148	27/05/2014	15/02/2018	1338	1
ABREU E CAMPOS LTDA - ME	16952068000100	03/10/2012	15/02/2018	1932	1
ACADEMIA ALVES E QUEIROZ LTDA - ME	24187081000149	17/02/2016	15/02/2018	718	1
ACADEMIA BARBOSA & SILVA LTDA - ME	19323003000194	27/11/2013	15/02/2018	1518	1
ACADEMIA BODY SPACE COMPANY EIRELI - ME	17751406000109	14/03/2013	15/02/2018	1771	1
ACADEMIA E ESCOLA DE NATACAO ACQUAGYN LTDA - ME	22369787000104	04/05/2015	15/02/2018	1001	1
ACADEMIA ESPORTE FITNESS EIRELI - ME	15055384000117	15/02/2012	15/02/2018	2160	1
ACADEMIA FITNESS SOUTO LTDA - ME	24484232000120	30/03/2016	15/02/2018	675	1
ACADEMIA GARDEN FIGHT CENTER LTDA - ME	18518770000196	19/07/2013	15/02/2018	1646	1
ACADEMIA INFORMA FITNESS - EIRELI - ME	21067395000110	18/09/2014	15/02/2018	1227	1
ACADEMIA KGB FITNESS LTDA -ME	13871318000190	28/06/2011	15/02/2018	2387	1
ACADEMIA PARK FIT LTDA - EPP	18870224000110	13/09/2013	15/02/2018	1592	1
ADRIANE R.S.PEREIRA -ME	12313445000100	29/07/2010	15/02/2018	2716	1
AGUA DA PRAIA FITNESS LTDA -ME	13137353000180	20/01/2011	15/02/2018	2545	1
ALEXANDRE LUIZ CORDEIRO - ME	15063055000118	16/02/2012	15/02/2018	2159	1
ALIVE SPORTS CLUB COMPANHIA LTDA - EPP	24386020000100	15/03/2016	15/02/2018	690	1
CARLOS HENRIQUE DOS REIS CPF: 952.058.966-04 - ME	21901158000102	20/02/2015	15/02/2018	1075	1
CARMEM L. ANDREATA EDUCACIONAL -ME	12833300000130	09/11/2010	15/02/2018	2616	1
CENTRO DE FORMACAO CIRANDA CULTURAL LTDA -ME	09676435000125	03/07/2008	15/02/2018	3462	1
CENTRO DE TREINAMENTO DE CAMPEOES LTDA - ME	15069327000197	17/02/2012	15/02/2018	2158	1
CHARLES CARVALHO MAGALHAES - ME	20916281000134	27/08/2014	15/02/2018	1248	1
CLAUDIA TIZZO AFONSO EIRELI - EPP	22227863000139	10/04/2015	15/02/2018	1025	1

CRISTOVALDO MOREIRA DA SILVA JUNIOR -ME	11325245000105	17/11/2009	15/02/2018	2968	1
CTA CENTRO DE TREINAMENTO DE FUTEBOL LTDA - ME	28855931000190	16/10/2017	15/02/2018	119	1
DALVA VIEIRA GONCALVES -ME	12261770000177	21/07/2010	15/02/2018	2724	1
DW ESPORTES LTDA -ME	15588134000142	24/05/2012	15/02/2018	2061	1
EDNALDO MARQUES DOS SANTOS -ME	11725103000135	23/03/2010	15/02/2018	2842	1
ESCOLINHA DE FUTEBOL GAVIOES DO CERRADO LTDA - ME	13631663000156	12/05/2011	15/02/2018	2433	1
ESPACO ATLETA ATIVIDADES ESPORTIVAS - EIRELI - ME	20390071000155	04/06/2014	15/02/2018	1331	1
ESTETICA FEMININA LTDA -ME	12473905000168	01/09/2010	15/02/2018	2684	1
EURO FITNESS LTDA -ME	15319664000195	04/04/2012	15/02/2018	2111	1
EVERTON BALDUINO DE SOUSA -ME	10723341000149	23/03/2009	15/02/2018	3202	1
FAPA FITNESS LTDA - EPP	27505531000192	10/04/2017	15/02/2018	305	1
FC5 SOCCER MARKETING ESPORTIVO LTDA - EPP	24875709000107	25/05/2016	15/02/2018	620	1
FIT PARK JARDIM PATRICIA LTDA - ME	11280408000180	03/11/2009	15/02/2018	2982	1
FITNESS CENTER ANISIO RESENDE EIRELI - ME	28252213000120	24/07/2017	15/02/2018	201	1
GARGA-GYN ACADEMIA LTDA -ME	11172122000181	24/09/2009	15/02/2018	3021	1
GAROTOS DO FUTURO ESPORTE CLUBE LTDA-ME	14143678000138	18/08/2011	15/02/2018	2337	1
GILVAN GUIMARAES FERNANDES - ME	21802539000134	03/02/2015	15/02/2018	1092	1
GOLO GESTAO, ESPORTES LTDA -ME	15019309000109	08/02/2012	15/02/2018	2167	1
HOMINUM CONSULTORIA E SERVICOS ADMINISTRATIVOS LTDA - ME	24494848000182	31/03/2016	15/02/2018	675	1
JL FITNESS LTDA -ME	12526699000107	14/09/2010	15/02/2018	2671	1
LR ACADEMIA DE MUSCULACAO LTDA - ME	17003862000170	15/10/2012	15/02/2018	1920	1
MAESTRI E FARIA LTDA - ME	24874403000128	25/05/2016	15/02/2018	620	1
MARCIANO NASCIMENTO DE LIMA - HARAS - ME	19160495000144	29/10/2013	15/02/2018	1546	1
MARIA DO CARMO LUCAS SANTOS - ME	26664638000110	06/12/2016	15/02/2018	429	1
MARK FITNESS ACADEMIA LTDA - ME	19920989000180	20/03/2014	15/02/2018	1405	1
MEDIDA CERTA FITNESS ACADEMIA LTDA - ME	23352525000191	25/09/2015	15/02/2018	860	1
MENINOS DA VILA ESPORTE DO BRASIL LTDA - ME	16845326000150	13/09/2012	15/02/2018	1952	1
OMAR KHALED ALLOUCHE - ME	15026254000156	09/02/2012	15/02/2018	2166	1
ONE MARKETING ESPORTIVO LTDA - ME	16754813000107	24/08/2012	15/02/2018	1971	1

PASSO TROTE E GALOPE LTDA - ME	17790836000130	21/03/2013	15/02/2018	1764	1
REFINE SPORT FITNESS LTDA - ME	18527385000105	22/07/2013	15/02/2018	1643	1
ROGERIO BORGES PEREIRA - ME	18453166000129	09/07/2013	15/02/2018	1656	1
RONDON FUTEBOL SOCIETY LTDA - EPP	19283792000187	20/11/2013	15/02/2018	1525	1
SIEBERT SIQUEIRA SPORT CENTER LTDA - ME	18899343000103	18/09/2013	15/02/2018	1587	1
SILVA RASTRELO ESPORTES LTDA - ME	18884005000190	13/09/2013	15/02/2018	1592	1
S.S. ESPORTES LTDA - ME	16530367000157	19/07/2012	15/02/2018	2006	1
THAISA GARCIA MUSTAFE - ME	19613409000101	29/01/2014	15/02/2018	1456	1
TROIA SPORTS E CONSULTORIA LTDA -ME	10787236000173	28/04/2009	15/02/2018	3167	1
UBERLANDIA TKD CLUB LTDA -ME	13149997000198	24/01/2011	15/02/2018	2541	1
UP FITNESS UDI LTDA - ME	23285525000116	16/09/2015	15/02/2018	869	1
VFC - COMERCIO E SERVICOS AQUATICOS LTDA -ME	15000167000120	06/02/2012	15/02/2018	2169	1
ACADEMIA LEMES & AMARAL LTDA - ME	18406745000110	02/07/2013	27/01/2016	925	0
ACADEMIA MOURA LTDA - ME	20055663000110	09/04/2014	14/09/2016	875	0
CFA - ESCOLA DE INICIACAO ESPORTIVA LTDA - ME	15063224000110	16/02/2012	11/04/2012	55	0
CINTIA NUNES LOURENCO - ME	19675211000152	06/02/2014	10/09/2014	214	0
ELIUSMARCIO ALVES DE CARVALHO - ME	19812014000138	28/02/2014	30/05/2014	90	0
ESCOLA DE NATACAO SAUDE DO CORPO LTDA -ME	11685942000177	15/03/2010	13/06/2016	2248	0
ESCOLINHA DE FUTEBOL PEQUENO LTDA -ME	15566016000133	21/05/2012	11/06/2014	740	0
F E R ACADEMIA DO EMAGRECIMENTO LTDA -ME	14444617000100	11/10/2011	19/10/2017	2168	0
IWL UBERLANDIA LTDA -ME	09505328000134	22/04/2008	19/01/2015	2427	0
NOGUEIRA FITNESS LTDA-ME	13416989000160	24/03/2011	03/04/2017	2169	0
ROSELIANE DE FATIMA FAUSTINO SIMAO - ME	17354098000188	03/01/2013	15/02/2017	1482	0
TG ESPORTES LTDA -ME	11487864000104	25/01/2010	12/03/2013	1127	0
THSPORTS HIDRO LUTAS DANCAS E PILATES EIRELI - ME	21195950000199	09/10/2014	06/10/2017	1077	0

ANEXO D - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2012

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária						
	Pessoal Ocupado					
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	TOTAL 2012
Brasil	27335	12352	5894	1328	756	47665
RO	194	115	58	9	4	380
AC	60	23	5	2	2	92
AM	300	87	36	5	3	431
RR	41	13	14	1	-	69
PA	389	175	85	19	5	673
AP	61	21	4	2	-	88
TO	281	94	31	8	4	418
MA	381	97	43	5	5	531
PI	215	78	35	9	1	338
CE	772	281	103	23	13	1192
RN	360	152	50	7	8	577
PB	210	105	36	9	1	361
PE	685	304	133	30	17	1169
AL	188	91	28	9	1	317
SE	173	69	32	13	5	292
BA	1441	537	200	40	16	2234
MG	2752	1511	695	146	74	5178
ES	576	347	145	42	15	1125
RJ	2258	1005	504	108	63	3938
SP	7541	3295	1841	484	326	13487
PR	2172	1036	452	84	41	3785
SC	1373	801	435	93	50	2752
RS	2244	934	431	95	52	3756
MS	355	188	80	12	4	639
MT	604	261	141	30	21	1057
GO	939	443	167	29	17	1595
DF	770	289	110	14	8	1191

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas						
	Pessoal Ocupado					
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	TOTAL 2012
Brasil	47022	3708	2039	587	572	53928
RO	89	18	3	1	-	111
AC	23	6	4	-	-	33
AM	174	22	26	2	6	230
RR	18	3	2	-	-	23
PA	387	70	24	17	7	505
AP	15	4	4	3	-	26

TO	139	13	4	3	3	162
MA	229	29	16	10	12	296
PI	121	19	9	3	3	155
CE	578	69	46	9	12	714
RN	280	41	24	6	3	354
PB	167	20	10	1	5	203
PE	609	88	41	18	28	784
AL	138	24	8	2	2	174
SE	197	20	13	5	7	242
BA	1465	147	99	20	22	1753
MG	7175	467	288	97	83	8110
ES	1020	97	53	17	18	1205
RJ	5541	445	239	81	83	6389
SP	17683	1196	656	175	177	19887
PR	2849	256	94	33	32	3264
SC	1987	194	85	18	21	2305
RS	3539	217	128	32	21	3937
MS	360	38	35	5	5	443
MT	461	54	31	5	1	552
GO	920	75	49	13	8	1065
DF	858	76	48	11	13	1006

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado					TOTAL 2012
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	
Brasil	25907	2138	1010	303	221	29579
RO	137	9	3	-	-	149
AC	24	1	3	1	-	29
AM	131	15	10	4	1	161
RR	20	3	-	-	1	24
PA	211	21	20	4	6	262
AP	29	8	3	-	-	40
TO	122	4	5	1	1	133
MA	158	20	5	4	3	190
PI	96	16	10	4	2	128
CE	451	39	30	8	10	538
RN	159	30	19	4	4	216
PB	171	29	12	5	1	218
PE	430	67	35	7	8	547
AL	96	12	9	6	-	123
SE	127	17	10	2	1	157
BA	848	85	32	11	4	980
MG	2078	188	82	21	21	2390
ES	381	40	20	8	2	451
RJ	2193	203	85	23	18	2522
SP	11389	774	340	107	96	12706
PR	1759	142	72	15	12	2000
SC	984	113	46	20	10	1173

RS	1961	131	61	17	9	2179
MS	260	28	20	5	3	316
MT	290	37	16	8	2	353
GO	647	54	32	10	5	748
DF	755	52	30	8	1	846

Fonte: IBGE – Tabela 992.

**ANEXO E - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS
SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E
COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015**

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária							
	Pessoal Ocupado					TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49		
Brasil	30558	14481	7071	1556	927	54593	15%
RO	196	134	68	5	4	407	7%
AC	55	29	10	4	3	101	10%
AM	366	96	42	9	4	517	20%
RR	44	22	10	3	-	79	14%
PA	455	262	101	20	12	850	26%
AP	69	23	7	1	4	104	18%
TO	296	133	37	4	6	476	14%
MA	403	140	50	9	6	608	15%
PI	253	102	35	12	4	406	20%
CE	861	382	132	28	18	1421	19%
RN	442	160	54	11	11	678	18%
PB	277	139	48	8	3	475	32%
PE	825	371	178	38	22	1434	23%
AL	223	93	51	7	7	381	20%
SE	190	92	35	8	9	334	14%
BA	1548	646	255	45	23	2517	13%
MG	3093	1800	866	171	86	6016	16%
ES	650	403	183	42	17	1295	15%
RJ	2427	1195	573	138	88	4421	12%
SP	8313	3717	2150	552	360	15092	12%
PR	2540	1198	541	106	45	4430	17%
SC	1544	908	501	124	48	3125	14%
RS	2443	1062	509	114	80	4208	12%
MS	412	213	110	16	6	757	18%
MT	692	335	179	27	27	1260	19%
GO	1077	530	221	39	23	1890	18%
DF	864	296	125	15	11	1311	10%

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas							
	Pessoal Ocupado					TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49		
Brasil	51312	4160	1895	574	492	58433	8%
RO	131	20	8	5	1	165	49%
AC	25	5	3	1	-	34	3%
AM	187	34	24	2	3	250	9%
RR	23	4	2	1	-	30	30%
PA	346	64	37	11	6	464	-8%

AP	23	7	3	-	-	33	27%
TO	200	20	7	2	1	230	42%
MA	253	33	11	4	7	308	4%
PI	137	26	13	4	6	186	20%
CE	655	75	34	9	13	786	10%
RN	300	48	11	2	8	369	4%
PB	209	30	10	5	1	255	26%
PE	721	107	56	17	16	917	17%
AL	183	26	9	6	-	224	29%
SE	205	40	9	2	5	261	8%
BA	1573	178	81	19	23	1874	7%
MG	7446	566	287	70	59	8428	4%
ES	1094	94	45	9	12	1254	4%
RJ	5510	455	246	75	76	6362	0%
SP	18560	1248	576	206	152	20742	4%
PR	3569	311	106	32	33	4051	24%
SC	2587	225	89	29	15	2945	28%
RS	4155	270	119	20	22	4586	16%
MS	489	60	30	7	8	594	34%
MT	554	58	18	5	3	638	16%
GO	1312	80	37	17	9	1455	37%
DF	865	76	24	14	13	992	-1%

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado						CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	TOTAL 2015	
Brasil	30011	2406	1122	285	227	34051	15%
RO	118	12	6	1	-	137	-8%
AC	17	4	2	1	1	25	-14%
AM	103	22	12	3	2	142	-12%
RR	18	1	3	-	-	22	-8%
PA	207	30	14	5	4	260	-1%
AP	26	2	1	-	-	29	-28%
TO	124	15	4	-	-	143	8%
MA	178	18	10	2	1	209	10%
PI	118	16	11	2	4	151	18%
CE	510	57	39	10	11	627	17%
RN	203	26	20	3	3	255	18%
PB	188	29	18	2	3	240	10%
PE	517	76	33	8	8	642	17%
AL	115	21	11	3	-	150	22%
SE	148	23	14	1	1	187	19%
BA	899	107	42	8	11	1067	9%
MG	2639	218	94	31	26	3008	26%
ES	453	46	19	6	-	524	16%
RJ	2364	208	89	25	17	2703	7%
SP	12816	829	410	96	80	14231	12%

PR	2320	161	86	24	11	2602	30%
SC	1349	133	51	13	11	1557	33%
RS	2235	162	49	16	15	2477	14%
MS	338	32	16	4	2	392	24%
MT	416	37	19	4	4	480	36%
GO	813	75	26	11	8	933	25%
DF	779	46	23	6	4	858	1%

Fonte: IBGE – Tabela 992. Cálculos de crescimento elaborados pelo autor.

ANEXO F - NÚMERO DE MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2012

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária					
	Pessoal Ocupado				
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais	TOTAL 2012
Brasil	246	40	10	7	303
RO	1	-	-	-	1
AC	1	-	-	-	1
AM	-	-	-	-	0
RR	-	-	-	-	0
PA	-	-	1	-	1
AP	2	-	-	-	2
TO	-	-	-	-	0
MA	2	-	-	-	2
PI	-	-	-	-	0
CE	6	2	-	-	8
RN	2	1	-	-	3
PB	1	1	-	-	2
PE	11	2	-	-	13
AL	1	-	-	-	1
SE	1	-	-	-	1
BA	10	1	1	-	12
MG	24	-	-	-	24
ES	3	-	-	-	3
RJ	23	4	2	-	29
SP	94	26	6	7	133
PR	11	-	-	-	11
SC	25	-	-	-	25
RS	15	1	-	-	16
MS	-	-	-	-	0
MT	2	-	-	-	2
GO	8	1	-	-	9
DF	3	1	-	-	4

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas					
	Pessoal Ocupado				
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais	TOTAL 2012
Brasil	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais	TOTAL 12
RO	391	268	77	55	791
AC	-	-	-	1	1
AM	3	-	-	-	3
RR	2	3	-	-	5
PA	-	-	-	-	0
AP	7	4	-	1	12
TO	-	-	-	-	0

MA	2	-	-	-	2
PI	3	2	2	-	7
CE	-	-	-	-	0
RN	5	7	1	-	13
PB	5	2	-	-	7
PE	-	1	-	-	1
AL	13	8	6	5	32
SE	1	1	2	-	4
BA	2	1	-	-	3
MG	20	21	6	1	48
ES	51	34	8	9	102
RJ	14	6	2	-	22
SP	59	52	15	14	140
PR	129	95	28	15	267
SC	22	9	3	2	36
RS	15	5	1	1	22
MS	13	8	1	2	24
MT	4	1	-	-	5
GO	1	1	-	-	2
DF	11	3	-	1	15

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado				TOTAL 2012
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais	
Brasil	159	51	26	15	251
RO	-	-	-	-	0
AC	-	-	-	-	0
AM	-	-	-	-	0
RR	-	-	-	-	0
PA	1	-	-	-	1
AP	-	-	-	-	0
TO	-	-	-	-	0
MA	1	-	-	-	1
PI	-	1	1	-	2
CE	6	1	-	-	7
RN	2	-	-	-	2
PB	-	-	-	-	0
PE	7	1	-	1	9
AL	-	-	-	-	0
SE	-	1	1	-	2
BA	13	3	-	-	16
MG	12	2	1	-	15
ES	-	-	-	-	0
RJ	14	3	-	-	17
SP	68	23	21	12	124
PR	8	8	1	2	19
SC	5	2	-	-	7
RS	12	3	1	-	16

MS	4	1	-	-	5
MT	1	-	-	-	1
GO	4	-	-	-	4
DF	1	2	-	-	3

Fonte: IBGE – Tabela 992.

ANEXO G - NÚMERO DE MÉDIAS E GRANDES EMPRESAS DOS TRÊS SETORES DE SICS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária						
	Pessoal Ocupado				TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais		
Brasil	285	36	8	8	337	11%
RO	3	-	-	-	3	200%
AC	1	-	-	-	1	0%
AM	1	-	1	-	2	#DIV/0!
RR	-	-	-	-	0	#DIV/0!
PA	-	-	-	-	0	-100%
AP	1	-	-	-	1	-50%
TO	-	-	-	-	0	#DIV/0!
MA	1	-	-	-	1	-50%
PI	1	-	-	-	1	#DIV/0!
CE	6	3	-	-	9	13%
RN	1	1	-	-	2	-33%
PB	4	-	-	-	4	100%
PE	11	4	-	-	15	15%
AL	1	-	-	-	1	0%
SE	3	-	-	-	3	200%
BA	11	2	-	-	13	8%
MG	26	-	-	-	26	8%
ES	5	-	-	-	5	67%
RJ	21	4	2	-	27	-7%
SP	124	16	5	8	153	15%
PR	8	1	-	-	9	-18%
SC	26	2	-	-	28	12%
RS	15	1	-	-	16	0%
MS	-	-	-	-	0	#DIV/0!
MT	7	-	-	-	7	250%
GO	6	1	-	-	7	-22%
DF	2	1	-	-	3	-25%

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas						
	Pessoal Ocupado				TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais		
Brasil	355	219	68	47	689	-13%
RO	-	-	-	-	0	-100%
AC	1	1	-	-	2	-33%
AM	7	1	-	-	8	60%
RR	-	-	-	-	0	#DIV/0!
PA	12	2	1	-	15	25%

AP	1	-	-	-	1	#DIV/0!
TO	1	1	-	-	2	0%
MA	4	2	1	-	7	0%
PI	1	-	-	-	1	#DIV/0!
CE	8	6	-	-	14	8%
RN	-	2	1	-	3	-57%
PB	1	-	1	-	2	100%
PE	10	10	4	2	26	-19%
AL	-	3	1	-	4	0%
SE	2	2	-	-	4	33%
BA	18	10	8	5	41	-15%
MG	41	29	5	5	80	-22%
ES	11	3	3	-	17	-23%
RJ	50	46	16	9	121	-14%
SP	121	75	15	18	229	-14%
PR	24	6	5	2	37	3%
SC	16	4	1	1	22	0%
RS	12	6	2	2	22	-8%
MS	2	1	-	-	3	-40%
MT	-	1	-	-	1	-50%
GO	5	3	2	1	11	-27%
DF	7	5	2	2	16	-11%

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado				TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	50 a 99	100 a 249	250 a 499	500 ou mais		
Brasil	154	71	23	11	259	3%
RO	-	-	-	-	0	#DIV/0!
AC	-	-	-	-	0	#DIV/0!
AM	-	-	1	-	1	#DIV/0!
RR	-	-	-	-	0	#DIV/0!
PA	2	2	-	-	4	300%
AP	-	-	-	-	0	#DIV/0!
TO	-	-	-	-	0	#DIV/0!
MA	-	-	-	-	0	-100%
PI	-	1	-	-	1	-50%
CE	4	1	1	-	6	-14%
RN	2	1	-	-	3	50%
PB	1	-	-	-	1	#DIV/0!
PE	4	4	-	-	8	-11%
AL	-	-	-	-	0	#DIV/0!
SE	-	-	-	-	0	-100%
BA	10	4	-	-	14	-13%
MG	15	4	-	-	19	27%
ES	2	-	-	-	2	#DIV/0!
RJ	14	3	1	-	18	6%
SP	67	37	17	10	131	6%

PR	11	4	1	1	17	-11%
SC	4	3	-	-	7	0%
RS	9	3	1	-	13	-19%
MS	5	1	-	-	6	20%
MT	1	-	-	-	1	0%
GO	1	1	-	-	2	-50%
DF	2	2	1	-	5	67%

Fonte: IBGE – Tabela 992. Cálculos de crescimento elaborados pelo autor.

**ANEXO H - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS
SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS NO BRASIL E NOS ESTADOS
BRASILEIROS EM 2012**

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária						
	Pessoal Ocupado					
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	TOTAL 2012
Brasil	55	17	5	4	6	87
RO	21	2	2	1	-	26
AC	152	53	34	5	13	257
AM	21	3	4	2	1	31
RR	153	49	30	13	9	254
PA	20	6	6	3	1	36
AP	58	15	7	-	1	81
TO	140	34	16	10	6	206
MA	75	12	12	1	1	101
PI	391	91	62	19	15	578
CE	162	45	22	4	7	240
RN	82	22	19	3	1	127
PB	301	118	50	20	11	500
PE	86	46	22	6	-	160
AL	61	39	11	4	2	117
SE	481	135	64	16	10	706
BA	1115	308	162	60	33	1678
MG	234	64	36	14	9	357
ES	1325	439	172	51	45	2032
RJ	6985	1492	620	175	143	9415
SP	924	225	106	22	23	1300
PR	561	175	79	20	22	857
SC	828	177	98	19	22	1144
RS	218	52	22	6	5	303
MS	222	63	30	12	9	336
MT	250	71	39	9	7	376
GO	346	75	34	10	7	472
DF	55	17	5	4	6	87

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas						
	Pessoal Ocupado					
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	TOTAL 2012
Brasil	37	-	1	1	-	39
RO	572	-	-	-	-	572
AC	51	6	3	-	-	60
AM	7	-	-	-	-	7
RR	437	3	2	-	-	442
PA	25	-	-	-	-	25
AP	24	2	-	-	-	26

TO	396	3	1	-	1	401
MA	149	1	1	-	-	151
PI	960	4	3	1	3	971
CE	930	1	3	-	-	934
RN	354	2	5	-	1	362
PB	342	1	4	-	1	348
PE	428	1	14	-	-	443
AL	96	1	-	1	-	98
SE	1842	8	5	-	2	1857
BA	4838	13	22	39	44	4956
MG	186	5	-	1	1	193
ES	988	14	9	3	2	1016
RJ	1153	29	18	3	2	1205
SP	211	9	9	5	1	235
PR	147	7	3	3	1	161
SC	1397	7	14	2	-	1420
RS	60	2	2	-	-	64
MS	124	4	9	-	-	137
MT	662	3	1	-	1	667
GO	117	1	1	-	6	125
DF	37	-	1	1	-	39

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado					TOTAL 2012
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49	
Brasil	163	131	34	12	4	344
RO	34	29	14	1	-	78
AC	118	48	39	9	9	223
AM	83	16	8	4	-	111
RR	318	125	73	21	20	557
PA	31	19	12	4	1	67
AP	149	62	23	7	2	243
TO	327	93	41	12	8	481
MA	186	63	63	10	9	331
PI	787	169	143	34	28	1161
CE	267	94	54	13	8	436
RN	251	60	40	9	8	368
PB	602	219	121	35	27	1004
PE	156	70	34	9	4	273
AL	151	56	33	2	3	245
SE	1155	288	196	46	22	1707
BA	3264	1267	866	179	72	5648
MG	584	187	173	22	8	974
ES	2934	808	703	213	115	4773
RJ	14428	3278	1482	288	163	19639
SP	2691	796	441	86	41	4055
PR	1347	470	294	52	13	2176
SC	2401	375	285	117	81	3259

RS	357	191	58	14	8	628
MS	401	181	75	17	5	679
MT	1156	317	124	24	9	1630
GO	850	191	145	34	18	1238
DF	163	131	34	12	4	344

Fonte: IBGE – Tabela 992.

ANEXO I - NÚMERO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DOS TRÊS SETORES TRADICIONAIS DE SERVIÇOS NO BRASIL E NOS ESTADOS BRASILEIROS EM 2015 E COMPARATIVO DE CRESCIMENTO ENTRE 2012 E 2015

69.2 Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária							
	Pessoal Ocupado					TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49		
Brasil	47	22	6	3	3	81	-7%
RO	24	9	1	2	-	36	38%
AC	106	54	36	12	11	219	-15%
AM	16	5	3	1	-	25	-19%
RR	178	64	30	12	8	292	15%
PA	15	9	7	-	2	33	-8%
AP	61	14	6	1	1	83	2%
TO	157	40	30	10	8	245	19%
MA	83	29	12	2	1	127	26%
PI	386	141	87	28	17	659	14%
CE	178	62	32	8	4	284	18%
RN	103	43	23	7	2	178	40%
PB	337	149	63	25	16	590	18%
PE	117	53	27	6	4	207	29%
AL	79	38	19	6	1	143	22%
SE	520	190	84	24	14	832	18%
BA	1244	368	185	50	32	1879	12%
MG	256	85	40	6	13	400	12%
ES	1374	446	219	57	53	2149	6%
RJ	7203	1728	775	189	141	10036	7%
SP	1105	310	114	28	26	1583	22%
PR	685	209	101	24	14	1033	21%
SC	863	231	91	26	25	1236	8%
RS	256	68	27	12	6	369	22%
MS	271	81	33	10	9	404	20%
MT	308	79	44	9	10	450	20%
GO	326	89	41	11	8	475	1%
DF	47	22	6	3	3	81	-7%

71.1 Serviços de arquitetura e engenharia e atividades técnicas relacionadas							
	Pessoal Ocupado					TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49		
Brasil	359	5	10	3	1	378	869%
RO	638	-	-	-	-	638	12%
AC	977	8	35	3	-	1023	1605%
AM	105	-	1	-	-	106	1414%
RR	2563	4	5	-	1	2573	482%

PA	263	83	76	3	1	426	1604%
AP	94	2	-	-	-	96	269%
TO	1545	2	5	1	-	1553	287%
MA	1316	2	46	-	-	1364	803%
PI	2830	62	60	-	3	2955	204%
CE	1076	1	4	-	-	1081	16%
RN	1608	2	10	1	-	1621	348%
PB	2568	3	1	-	-	2572	639%
PE	875	1	-	-	-	876	98%
AL	491	2	1	1	-	495	405%
SE	5412	38	10	1	1	5462	194%
BA	6604	24	21	26	101	6776	37%
MG	1325	4	2	-	1	1332	590%
ES	3437	11	23	1	1	3473	242%
RJ	10841	176	85	7	5	11114	822%
SP	4511	24	30	-	2	4567	1843%
PR	2504	397	54	2	1	2958	1737%
SC	4714	49	66	5	1	4835	240%
RS	537	19	2	-	1	559	773%
MS	970	16	7	-	-	993	625%
MT	1719	12	2	1	-	1734	160%
GO	515	3	3	3	-	524	319%
DF	359	5	10	3	1	378	869%

73.1 Publicidade

	Pessoal Ocupado					TOTAL 2015	CRESC. 2012/15
	0 a 4	5 a 9	10 a 19	20 a 29	30 a 49		
Brasil	172	133	45	6	4	360	5%
RO	40	20	11	2	2	75	-4%
AC	153	54	38	11	10	266	19%
AM	24	22	7	4	-	57	-49%
RR	373	167	60	23	19	642	15%
PA	32	17	13	4	1	67	0%
AP	176	103	24	3	2	308	27%
TO	341	116	62	14	12	545	13%
MA	180	86	63	18	8	355	7%
PI	775	271	178	50	29	1303	12%
CE	271	95	75	14	7	462	6%
RN	225	63	55	15	16	374	2%
PB	643	281	149	48	23	1144	14%
PE	158	79	48	13	5	303	11%
AL	153	63	49	10	3	278	13%
SE	1122	316	271	54	28	1791	5%
BA	3913	1353	985	190	91	6532	16%
MG	643	225	219	26	6	1119	15%
ES	3447	1101	864	211	100	5723	20%
RJ	17115	3767	1642	332	195	23051	17%

SP	3477	891	516	85	50	5019	24%
PR	1849	487	364	44	23	2767	27%
SC	2959	448	332	119	79	3937	21%
RS	420	189	77	16	4	706	12%
MS	489	210	98	19	8	824	21%
MT	1202	409	146	22	8	1787	10%
GO	1033	226	153	44	10	1466	18%
DF	172	133	45	6	4	360	5%

Fonte: IBGE – Tabela 992. Cálculos de crescimento elaborados pelo autor.

**ANEXO J - PESSOAL OCUPADO COM E SEM NÍVEL SUPERIOR COMPLETO
NOS SEIS SETORES ANALISADOS (SICS E STSS) NO BRASIL EM 2015**

	56.2 ALIMEN	69.2 CONT	71.1 ARQUI	73.1 PUBLI	85.5 APOEDU	85.9 ESPOR
Número de pessoas sem nível superior	84871	183364	60225	30549	12328	148593
Porcentagem do total	95,71%	75,25%	76,79%	67,62%	91,00%	73,77%

	56.2 ALIMEN	69.2 CONT	71.1 ARQUI	73.1 PUBLI	85.5 APOEDU	85.9 ESPOR
Número de pessoas com nível superior	3803	60301	18201	14631	1219	52833
Porcentagem do total	4,29%	24,75%	23,21%	32,38%	9,00%	26,23%

	56.2 ALIMEN	69.2 CONT	71.1 ARQUI	73.1 PUBLI	85.5 APOEDU	85.9 ESPOR
Número total de pessoas	120620	328677	171354	92882	34736	294664